

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. E. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
FARO — TELEF. 22322
LISBOA — TELEF. 361839
AVULSO 2\$00

ACERCA DOS URGENTES PROBLEMAS DA SERRA ALGARVIA

SOB o mesmo título publicou este jornal, em 10 de Abril, um artigo que mereceu a nossa atenção, e recordou a vida passada do *Jornal do Algarve*, quando o seu fundador José Barão, reunia os comprovicianos nas tertúlias de sábado à tarde dos cafés de Lisboa.

Primeiramente no desaparecido café Chiado, depois na Brasileira,

da mesma rua e, finalmente, no Nacional, da rua 1.º de Dezembro.

José Barão, com a sua cultura de jornalista do «Século», lançado na reportagem das visitas ministeriais em todo o País, comparava o que se fizera ou ia fazendo no Norte, com o que se não fazia no Sul, mas se podia fazer.

Por outro lado, na Casa do Algarve, sob a direcção do major Mateus Moreno, os problemas económicos vinham frequentemente à discussão; e, assim, é que à volta

de 1954, o então director geral dos Serviços Florestais, eng.º Frazão, já falecido, presidia a uma conferência do silvicultor algarvio Gomes Guerreiro, na nossa Casa Regional. Já então estava definido o programa de recuperação da serra algarvia.

Baseado nele, escrevemos para este jornal algumas considerações que, de certo modo, respondem às observações que M. T. faz no supracitado artigo deste periódico. É certo que as nossas observações

pelo dr. A. de Sousa Pontes

apenas se aplicavam ao concelho de Loulé, mas não é difícil generalizá-las aos restantes concelhos.

Então existiam 2 523 Km² de área serrana inculta ou susceptível de ser melhor arborizada, avultando neles, os concelhos de Alcoutim, com 516 Km², Aljezur, com 200 Km², Castro Marim, com 218 Km², Loulé, com 243 Km², Monchique, com 192 Km², Silves, com 315 Km², Tavira, com 398 Km², Vila do Bispo, com 102 Km², e diversas, com áreas inferiores a 100 Km² cada, num total de 339 Km².

Devemos notar que estes números foram fornecidos pela Comissão de Ordenamento da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, por estudo feito em 1950, sendo possível que, hoje, estejam já alterados, visto que há concelhos, como o de Silves, onde a abertura de caminhos municipais, devido ao empréstimo de máquinas apropriadas pela D. G. S. Florestais, levou os proprietários confinantes a esses caminhos a fazerem eles próprios a florestação, servindo-se das plantas fornecidas gratuitamente pelos viveiros de Portimão.

Mas a recuperação do valor económico da serra algarvia já era conhecida na década de 1950-60, porque já se sabia, através da Carta Agrícola, quais as espécies a plantar nos diferentes concelhos; e se então não se tinha entrado no campo da realização efectiva, foi porque ainda não existia o cadastro geométrico da propriedade rústica.

(Conclui na 4.ª página)

NOTA da redacção

E DEPOIS DE ABRIL?

CHEGAMOS a Abril e aconteceu o inesperado: o Algarve não comporta mais turistas. Os hotéis ficaram cheios e começaram a notar-se aquelas faltas habituais dos meses do Verão. As mesmas faltas...

Os restaurantes queixam-se da escassez dos abastecimentos como pretexto para servir mal, mas a verdade é que o pessoal continua a ter as mesmas deficiências...

Algumas terras mantêm a sua negativa do desenvolvimento turístico, embora remando contra a maré dos planos estabelecidos superiormente; outras demonstram absoluto desconhecimento das mais simples regras da urbanização mo-

derna, se tomam a iniciativa de novos traçados ou construções...

Por enquanto, nada se passa de importante no Algarve, além de três ou quatro complexos turísticos bem localizados que se destinam unicamente aos estrangeiros com bastante dinheiro. A província restante acompanhará de algum modo essa remodelação? Não nos parece, pois nem sequer lhes dá o apoio necessário das suas infra-estruturas. E quanto à população, está cada dia mais alheia a tudo isso, sentindo apenas que continua a ser prejudicada, na medida em que a vida se torna mais difícil em todos os sentidos depois deste aumento populacional turístico.

E quando chegamos ao mês de Abril já com um princípio de esgotamento, é de perguntar o que sucederá em Agosto e em Setembro. Então será preciso decerto um bafo de oxigénio para cada algarvio porque a própria atmosfera deve estar racionada...

As povoações de Alagoa e Aroeira não estão assinaladas na estrada

QUEM vai de Faro ou de Vila Real de Santo António e, no lugar da Altura, pretende voltar para os sítios da Alagoa e Aroeira, tem dificuldades por falta das placas de indicação respectivas.

Principalmente para Alagoa, que já dispõe de praia, que nos últimos anos tem vindo a progredir e onde se processam obras de vulto com vista ao desenvolvimento turístico, impõe-se que as entidades competentes intercedam no sentido de ser colocada a respectiva placa de indicação.

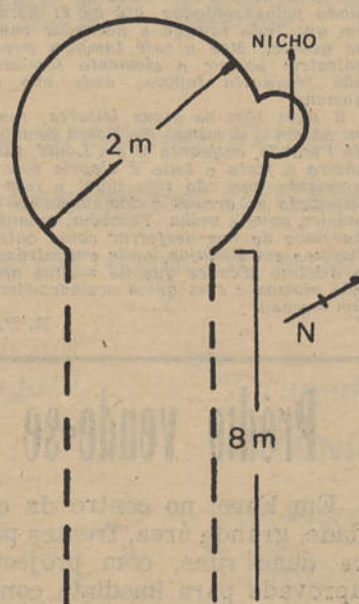
A NECRÓPOLE DE ALCALÁ

por Francisco J. Carrapico

EM pleno campo, a nove quilómetros de Portimão e a poucas dezenas de metros da povoação de Alcalá, situa-se a Necrópole de Alcalá.

Os túmulos, que a compõem, em número de treze, foram construídos possivelmente nos fins do terceiro milénio (2750-2000 a. C.) e têm a designação de «tholos», em virtude da sua forma circular e da cúpula falsa. Nestes túmulos seguiu-se a tradição, com adaptação parcial às tendências de vários lugares. Os corredores alongaram-se, ainda que não tanto como na Andaluzia Ocidental, mas as lajes septais de Los Millares (civilização que se desenvolveu na localidade de Almería (Espanha) e que influenciou os outros núcleos populacionais da Península Ibérica), foram substituídas por pares de umbrais que estreitam os corredores em dois ou três pontos, bastante ao modo dos «court cairns»

(Conclui na 5.ª página)



CORTE ESQUEMÁTICO DE UM TÚMULO EM ALCALÁ

NA HORA DE PRESTAR CONTAS

SILVES ACABOU COM O IMPOSTO DE PRESTAÇÃO DE TRABALHO

- ★ RECEITAS: Tendência ascensional
- ★ SAÚDE: Quinze contos para o transporte de doentes, Trezentos contos para o tratamento
- ★ OBRAS: Aumento de despesas com assistência técnica
- ★ CULTURA: Mais três contos do que em 1969



Silves é uma das cidades algarvias que mais depressa poderá acordar para o progresso do trabalho e dos factores de cultura, se os homens quiserem...

OS de Silves podem verificar no relatório do presidente do seu Município que há um interesse repartido pelos vários sectores do concelho: o pagamento de dívidas passivas, a manutenção da burocracia necessária, as despesas com a saúde e higiene pública, com os

serviços, obras e com a cultura... De tudo isto o Município tratou para poder despendir verbas.

A política municipal parece ter-se orientado pela construção de caminhos, aliás preocupação comum de quase todos os Municípios algarvios pegados ao Alentejo: cinco caminhos municipais ficaram realizados e mais três foram adjudicados durante o ano de 1970.

Por sua vez os Serviços Municipais concretizaram importantes obras no que se refere ao saneamento e abastecimento de água (cujo relato pormenorizado o presidente promete). Vemos portanto uma notória preocupação com as condições infra-estruturais do concelho; preocupação que tem o seu preço: as despesas com a assistência técnica eventual subiram de 44 400\$ (em 1969) para 100 700\$ (em 1970).

As receitas manifestam uma tendência ascensional: de impostos directos, do rendimento de diversos serviços. E o Turismo para Silves ainda não é o que poderia ser. Nem a Indústria (que está condicionada pelas carências gerais do sul do País).

Quanto à instrução o Município de Silves participou na construção de novos edifícios escolares com 119 978\$50. Pouco mais que em 1969. No entanto as despesas com o pessoal aumentaram substancialmente com o pessoal maior de secretaria e tesouraria municipal tendo diminuído a despesa com o pessoal assalariado nesses mesmos serviços. Para a Biblioteca e Museu (o outro lado das preocupações do Município com a cultura) o aumento foi de 15 648\$00 para 18 000\$00.

Silves vai em 1971.

O CICLO DE ALBUFEIRA:

problema que preocupa o povo

ALBUFEIRA, 12. — O ministro da Educação Nacional quando esteve nesta importante vila do Algarve anunciou o funcionamento de uma Escola do Ciclo Preparatório já no próximo ano lectivo. Foram-lhe apresentadas duas hipóteses para as instalações: a do Convento da Orada, imóvel que devidamente transformado e adaptado reuniria óptimas condições e uma outra hipótese surgida quase à última hora e que seria a da montagem de instalações pré-fabricadas nuns terrenos pertencentes à Misericórdia local.

O tempo passa e as opiniões dividem-se numa terra onde a solução do problema educativo devia superar os interesses do tempo e os facciosismos das opiniões.

Sabido é que no nosso clima o pré-fabricado é uma solução infeliz (falem as de Loulé, as crianças e não as políticas) e que a Igreja dos católicos ao propor um contrato de peso atenuadíssimo para o Estado, mais não estará do

(Conclui na 5.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

Janela do MUNDO

OS CHINESES TAMBÉM JOGAM PINGUE-PONGUE

DE um dia para o outro, o panorama internacional revela novas perspectivas. Tudo por causa de um torneio de pingue-pongue que levou à China Comunista várias equipas dos países ocidentais. Americanos, australianos, canadianos foram jogar ténis de mesa à China e aconteceu o inesperado. Não só fizeram uma larga digressão pelo país, como foram recebidos com todas as honras e afabilidade pelo povo e pelo próprio di-

(Conclui na 5.ª página)



Um trecho da majestosa Avenida da República, em Vila Real de Santo António

PODERÁ SER MUITO MAIS VALORIZADA A BONITA AVENIDA DA REPÚBLICA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEM quase dois quilómetros de extensão a Avenida da República, de Vila Real de Santo António, que margina um trecho sempre atractivo do rio Guadiana e a que as sucessivas edificações vila-realenses, cónscias da sua importância no todo urbanístico da vila, têm procurado introduzir mais factores de valorização. Nestes, um dos principais é, sem sombra de dúvida, constituído pelos jardins que tanto a embelezam e onde justamente mais se tem feito sentir a acção camarária, quer tratando-os, quer ampliando-os. Mas a extensa artéria dispõe ainda de outros valiosos trunfos, que são os prédios de traça pombalina da sua parte céntrica, em que se destaca o da Alfândega antiga Casa do Despacho, que Pombal desejara fosse o ponto de controle das exportações de vinho do Porto e de outros importantes produtos nacionais.

Fora da arquitectura de origem, outras construções de interesse se deparam na Avenida, como a da Capitania do Porto, erguida no preciso sítio onde no nosso País funcionou a primeira fábrica de conservas de peixe. Além de instalações funcionais e de um amplo sa-

lão de recepções, ostenta a Capitania, no seu frontespício, artísticos painéis de azulejos representando motivos da pesca do atum e da epopeia marítima portuguesa.

Muito oferece, e muito mais poderá oferecer, pela apreciável extensão, a vila-realense Avenida da República. E enquanto esse «muito mais», talvez traduzido em cons-

(Conclui na 5.ª página)

Gente famosa visita o Algarve

Com cotação alta na bolsa turística mundial, o Algarve acolhe com frequência nomes conhecidos nos mais diversos sectores. Assim, encontra-se passando férias em Vale do Lobo (Almansil) o pugilista inglês Henry Cooper. Não é esta a primeira vez que Cooper vem ao Algarve, onde se dedica à prática do golfe.

Também são aqui esperados o primeiro ministro da Finlândia e o actor Roger Moore, que a TV popularizou como protagonista da série «O Santo».

CRÓNICA DE FARO



Crónica em três andamentos

1 - O acesso ao cais portuário

O CAIS acostável do porto comum de Faro-Olhão tem um acesso rodoviário nada condigno com a sua importância.

Além de outros navios, atracam ao cais comercial de Faro, constantemente, petroleiros, que vêm abastecer os importantes parques de combustíveis de duas conhecidas companhias.

2 - Faro, pista de atletismo - Um «dossier» a reabrir

Falou-se com insistência no assunto. Várias visitas foram feitas e para lá do sector desportivo, penetrou-se na própria esfera administrativa.

O tempo passou. Do projecto, o tal ampliado para obra de maiores proporções, não se passou. O subsídio, por certo, teve outro destino.

3 - Parques infantis

Faça-se um exame objectivo da questão e concluir-se-á que nem sempre se tem votado aos cidadãos farenses de palma e meio a atenção exigida.

Nas modernas zonas habitacionais (São Luís, Penha, Senhora da Saúde, Bom João, etc.) faltam parques infantis, que o sejam sem as indesejáveis placas de «É proibido pisar a relva».

E que se encha a capital do Sul, a terra que nesta década está a conhecer outra dimensão, de locais onde a gente moça o possa autenticamente ser.

DR. DIAMANTINO D. BALTAZAR

Médico Especialista

Doenças e Cirurgia

dos Rins e Vias Urinárias

Consultas diárias a partir das 15 horas

Consultório: Rua Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.

FARO

Telefones | Consultório 22013 | Residência 24761

TINTAS «EXCELSIOR»

ECOS

Promoção

Foi promovido a capitão de fragata, o nosso comprouviano sr. Manuel Francisco dos Santos Domingues, que está colocado na Escola de Fuzileiros Navais em Vale de Zebro (Barreiro).

Partidas e Chegadas

Vinda de Luanda, fixou residência em Faro, a sr.ª D. Maria Fernanda de Almeida Dinis de Carvalho e Tavares, funcionária dos T. A. P.

Gente nova

Em Lisboa deu à luz um menino a sr.ª D. Orianda Barreto Infante, esposa do sr. José Infante, major da Aeronáutica Militar e filha dos nossos comprouvianos sr.ª D. Ilda Peres Barreto e sr. Orlando Barreto, Mãe e filho encontram-se bem.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Pereira Casco; amanhã, Fontes Sequeira; segunda-feira, Baptista; terça, Oliveira Bomba; quarta, Alexandre; quinta, Crespo Santos e sexta-feira, Paula.

Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes.

Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Pinheiro; amanhã, Pinto; segunda-feira, Avenida; terça, Madeira; quarta, Confiança; quinta, Pinheiro e sexta-feira, Pinto.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Progresso; amanhã, Olanense; segunda-feira, Ferro; terça, Rocha; quarta, Pacheco; quinta, Progresso e sexta-feira, Olanense.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Oliveira Furtado; segunda-feira, Moderna; terça, Carvalho; quarta, Rosa Nunes; quinta, Dias e sexta-feira, Central.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Monteiro; terça, Dias Neves; quarta, Pereira; quinta, Monteiro e sexta-feira, Dias Neves.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Franco; amanhã, Sousa; segunda-feira, Monteiro; terça, Aboim; quarta, Central; quinta, Franco e sexta-feira, Sousa.

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Está quase a abrir a CARAVELA 2

Notícias de LOULÉ

QUE me seja perdoado o título em epígrafe estando eu a mais de 300 quilómetros, da terra da Mãe Soberana.

Uma viagem a Estremoz para vencer a manhã mais distraidamente, levounos a contactar com outra cidade alentejana típica, bonita e muito aconchada.

Algumas novidades para nós: o quarto onde faleceu a Rainha Santa, enquadro da Pousada de Santa Isabel, de onde se desfruta panorama lindíssimo de toda a cidade muito aconchada na periferia com bairros novos e grandes edifícios.

O velho lago e o Jardim do Gadanha, homenagem ao trabalhador alentejano, e as belas louças de Estremoz, onde dizem que se fabrica já o «Galo de Barcelos».

Em que se encha a capital do Sul, a terra que nesta década está a conhecer outra dimensão, de locais onde a gente moça o possa autenticamente ser.

Em Faro, no centro da cidade, grande área, frentes para duas ruas, com projecto aprovado para imediata construção.

Benfica, que nessa tarde haveria de vencer a local por 13 a 0.

No regresso, apreciámos a tapada e a albufeira de El-Rei, a primeira das quais se estende dentro de muros até Vila Viçosa.

Uma passagem por Vila Boim, localidade bonita e grande, onde travámos conhecimento com o riço que à mesma se liga e que diz «Vila Boim, terra boa, gente ruim», ao que eles responderam: «O senhor mente, se a terra é boa melhor é a gente».

Depois do jantar iremos ao café, tomado pelos soldados, até às 21 horas, em que tudo começa a desandar rumo ao quartel. Mas o café também pouco entretém porque o elemento feminino não frequenta lugares onde vão os homens.

E aqui têm os meus leitores, como eu passei o domingo da Nossa Senhora da Piedade, enquanto aí em Loulé, tudo cheira a festa e tudo é alegria com a procissão que não tem igual e com a animação do arraial e dos concertos da música nova e velha.

Trata-se pelo telefone 23534 de Faro.

AGENDA

De 22 a 28 de Abril O L H A O

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes TRAIINEIRAS, FERNANDO JOSÉ, PÉROLA ALGARVIA, etc.

Maria do Carmo Nunes Madeirinha, casada com o sr. António Madeirinha e D. Florinda de Jesus Nunes e dos srs. João Nunes do Poço, comerciante e António Nunes do Poço, chefe de brigada da D. G. S. em Nampula, casado com a sr.ª D. Júlia dos Santos Nunes do Poço; avó da sr.ª D. Maria da Conceição Santos Nunes, estudante liceal e dos srs. Cláudio Nunes Ferreira, 1.º sargento-aviador, casado com a sr.ª D. Natividade Correia Ferreira, e José dos Santos Nunes também estudante, e bisavô dos meninos Cláudio e José Duarte Nunes Ferreira.

D. Joaquina Freire Leal Brás

Faleceu em Vila do Bispo, de onde era natural, a sr.ª D. Joaquina Freire Leal Brás, de 86 anos, viúva de Joaquim dos Santos Brás e madrinha do sr. Joaquim Baptista Maurício, funcionário superior da Comissão Regional de Turismo.

Herculano Vargas Mogo

Faleceu em Albufeira, o sr. Herculano Vargas Mogo, de 48 anos, comerciante, natural de S. Bartolomeu de Messines, que deixa viúva a sr.ª D. Irene Júdice Samora Bitoque Vargas. Era pai dos srs. Carlos Alberto Samora Bitoque Vargas, estudante de Economia; e irmão das sr.ªs D. Aristotelina Vargas Mogo Cândido Guerraireiro, D. Maria da Conceição Vargas Mogo Martins e D. Maria Adelaide Vargas Mogo Miguel de Sousa, e dos srs. tenente-coronel Jorge Vargas Mogo, Mário Vargas Mogo e Francisco Vargas Mogo.

D. Laura Nogueira Roque de Oliveira

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Laura Nogueira Roque de Oliveira, de 75 anos natural de Olhão, viúva. Era mãe da sr.ª D. Maria Dolinda Nogueira Guerra Roque de Oliveira das Neves; sogra da sr.ª D. Elmana Fino Gouveia e do sr. Francisco Manuel Lima das Neves; avó dos srs. Francisco José Fino de Oliveira, Francisco Alberto de Oliveira Lima das Neves e da menina Ana Cristina de Oliveira Lima das Neves, irmã da sr.ª D. Maria Luísa Guerra Roque e do sr. dr. Mário Guerra Roque.

José Maria Félix

Em Toulouse, França, onde estava radicado, faleceu o sr. José Maria Félix, de 87 anos, natural de Vila Real de Santo António, que deixa viúva a sr.ª D. Isabel Fernandes Félix. Era pai das sr.ªs D. Rita Tenório, casada com o sr. Manuel Socorro Tenório; D. Maria Isabel Matias, casada com o sr. Matias Tito; D. Antónia Fernandes Maldonado, casada com o sr. José Maldonado e D. Olga Fernandes Benavente, casada com o sr. Rafael Benavente e dos srs. António Fernandes Félix, casado com a sr.ª D. Irene Félix; D. Mário Fernandes Félix, casado com a sr.ª D. Jacqueline Rapplier Félix; Francisco Félix, casado com a sr.ª D. Angela Félix e José Fernandes Félix; irmão do sr. Manuel Félix da Silva, antigo proprietário da Pensão Félix e chumado do sr. Agostinho Fernandes Piloto, radicado no Barreiro.

Bastante conhecido e estimado no meio, no seu funeral incorporaram-se muitas centenas de pessoas, tanto portuguesas, como francesas.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

AGRADECIMENTO

Manuel dos Santos. No Hospital da Misericórdia de Faro faleceu o sr. Manuel dos Santos, de 48 anos, fogueiro, de natural de Vila Real de Santo António, pai das sr.ªs D. Gracinda Soares Madeira dos Santos e era irmão dos srs. José Francisco, Luciano João e Armando dos Santos, todos, tal como o extinto, dedicados elementos da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Faro, onde aquele se alistara há 30 anos.

O corpo esteve em câmara ardente no quartel dos bombeiros, velado por bombeiros de todo o Algarve. O préstito constituiu sentida manifestação de pesar, nele participando deputações de corações de Voluntários e Municipais, com seus estandartes envoltos em crepes.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Em Faro, de onde era natural, faleceu o sr. João Nunes do Poço, proprietário de 81 anos, viúvo, pai das sr.ªs D. Lucinda de Jesus Nunes, D.

Faleceu em Vila do Bispo, de onde era natural, a sr.ª D. Joaquina Freire Leal Brás, de 86 anos, viúva de Joaquim dos Santos Brás e madrinha do sr. Joaquim Baptista Maurício, funcionário superior da Comissão Regional de Turismo.

Faleceu em Albufeira, o sr. Herculano Vargas Mogo, de 48 anos, comerciante, natural de S. Bartolomeu de Messines, que deixa viúva a sr.ª D. Irene Júdice Samora Bitoque Vargas. Era pai dos srs. Carlos Alberto Samora Bitoque Vargas, estudante de Economia; e irmão das sr.ªs D. Aristotelina Vargas Mogo Cândido Guerraireiro, D. Maria da Conceição Vargas Mogo Martins e D. Maria Adelaide Vargas Mogo Miguel de Sousa, e dos srs. tenente-coronel Jorge Vargas Mogo, Mário Vargas Mogo e Francisco Vargas Mogo.

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Laura Nogueira Roque de Oliveira, de 75 anos natural de Olhão, viúva. Era mãe da sr.ª D. Maria Dolinda Nogueira Guerra Roque de Oliveira das Neves; sogra da sr.ª D. Elmana Fino Gouveia e do sr. Francisco Manuel Lima das Neves; avó dos srs. Francisco José Fino de Oliveira, Francisco Alberto de Oliveira Lima das Neves e da menina Ana Cristina de Oliveira Lima das Neves, irmã da sr.ª D. Maria Luísa Guerra Roque e do sr. dr. Mário Guerra Roque.

Em Toulouse, França, onde estava radicado, faleceu o sr. José Maria Félix, de 87 anos, natural de Vila Real de Santo António, que deixa viúva a sr.ª D. Isabel Fernandes Félix. Era pai das sr.ªs D. Rita Tenório, casada com o sr. Manuel Socorro Tenório; D. Maria Isabel Matias, casada com o sr. Matias Tito; D. Antónia Fernandes Maldonado, casada com o sr. José Maldonado e D. Olga Fernandes Benavente, casada com o sr. Rafael Benavente e dos srs. António Fernandes Félix, casado com a sr.ª D. Irene Félix; D. Mário Fernandes Félix, casado com a sr.ª D. Jacqueline Rapplier Félix; Francisco Félix, casado com a sr.ª D. Angela Félix e José Fernandes Félix; irmão do sr. Manuel Félix da Silva, antigo proprietário da Pensão Félix e chumado do sr. Agostinho Fernandes Piloto, radicado no Barreiro.

Bastante conhecido e estimado no meio, no seu funeral incorporaram-se muitas centenas de pessoas, tanto portuguesas, como francesas.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

As famílias enlutadas apresentam o jornal do Algarve, sentidos pésames.

MOTORES INTERNATIONAL

De 20 a 27 de Abril QUARTEIRA

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 22 a 28 de Abril PORTIMÃO

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes TRAIINEIRAS, ARRIFANA, SÓNIA CLEMENTINA, etc.

BELLATRIX ESPECIAL

De 22 a 28 de Abril LAGOS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes TRAIINEIRAS, Sr.ª da Encarnação, Baía de Lagos, etc.

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA. AOETAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

MERCEDES-BENZ MOTORES DIESEL GRUPOS ELECTROGÉNEOS DE 14 1/2 A 245 KVA REPRESENTANTES MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L. ESCRITÓRIOS • ARMAZENS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS AV. 24 DE JULHO, 54 A.O. - LISBOA - TELEF. 66 77 94/0



Poema em ão

de Eduarda Ferreira

ãh a decoraçãõ do corpo e coraçãõ
— coroaçãõ da acçãõ
dupla da nossa hipótese.

colhamos uma razão simples
sem jeito de coacção
donas em jeito de razão
a este súbito desencontro
de barcos
corridas no lodo
esta invasão encheite
de peixes mortos

ãh a poluiçãõ
esta borbulha já vulcãõ
enxofre curiado
no cone da altura.

ãh a vida
cãõ
dos outros.

TEATRO, DEPOIS...

por Tito Lívio

«O DUELO» — DO TEATRO QUE JÁ NÃO INTERESSA

*** Bernardo Santareno — um dos maiores autores dramáticos portugueses de hoje. Duas fases podemos anotar na sua carreira (já longa) de dramaturgo: uma lírico-simbolista e trágica iniciada com «Lugre» e a que pertencem entre outras — «O crime da aldeia velha», «A Promessa», «O Pecado de João Agonia» e «O Duelo»; outra em que a partir de «O Inferno» há uma renovação da linguagem teatral mais realista, mais distanciadora, mais visão crítica e enraizada de problemas que aqui e agora se inserem — «O Judeu» e «A traição do Padre Martinho».

*** Põe-se o problema da representação aqui, num Teatro Nacional de uma peça ultrapassada, inevitavelmente pela distância dos anos que a separam de nós. Nós já nela não nos reconhecemos, apesar de tudo mudarmos e a linguagem teatral avançou bastante. Entre o representar teatro ultrapassado, cediço, estereotipado (e lembrámo-nos muitas vezes de «António Marinho», o «Edipo de Alfama») e não se representar o teatro português vivo, actual (aliás a que pertence a 2.ª fase de Bernardo Santareno) porque apenas teatro de estante, de livro, mais vale não apresentar nada. Porque não cremos que este «Duelo» venha a acrescentar (antes pelo contrário) algo de positivo ao prestígio do seu autor. Mas enfim, depois de um Albu falhado à última hora, por motivos de força maior, este Santareno possível mas não possível.

*** A encenação apenas se limitou a uma rotina banal, já que este teatro retira a sua força de um fatalismo aberrante, de uma simbologia primitiva e mágica (o alnau, o gavião, etc...), as figuras prenunciatórias e premonitórias (a louca, em «António Marinho», o

amigo e a avó em «O Pecado de João Agonia», a bruxa em «O Duelo»). Aqui os personagens embora populares falam uma linguagem lírica, alegórica. E se repetem diversas imagens comuns às peças deste teatro: «maldição, rapaziño», etc... um pouco como nos libretos das óperas de Verdi.

Dai a representação assentar num tom discursivo, naturalista, declamatório tão ao gosto do público de camisa-gravata e casaco de peles, snob e enfatuado das estereias do Nacional. Ele, sim, meus senhores, Ionesco foi um acidente, este «Duelo» sim, substancial, a Eumice, o João Perry e a Henriqueta Maia lembrando os «velhos tempos» dos Rosas, da Palmira, da Lalanda! Eles no fundo terão sido os menos culpados. Limitaram-se a defender o melhor possível um texto hoje já sem defesa possível.

*** O cenário, branco, de Lucien Donnat fugiu a um naturalismo que seria catastrófico, apesar de certos pormenores desfasados (a cruz da porta da casa de Rosário que poderia apenas ter sido criada por um jogo de luzes sobre o cenário ou apenas sugerida). A sonoplastia desastrosa de Fernando Ribeiro (e lembramo-nos aqui quão proficua poderia ter sido a colaboração de Carlos Paredes para a criação de um clima ??? conveniente).

*** Depois, valerá a pena ver ainda «O Duelo»? Como teatro português actual, vivo? Pensamos francamente que não. E nem se quer o tempo poderá ser desculpa (que o digam Gil Vicente e António José da Silva), entre nós.

Centro Popular Alves Redol

Está em organização em Vila Franca de Xira um Centro de cultura. Há uma comissão que se tem movido por todos os cantos e o «Notícias da Amadora» abriu mesmo uma subscrição nas suas páginas destinada a ajudar financeiramente a Campanha de Fundos (por sugestão de um leitor daquele jornal).

Ora nós pomos à consideração dos nossos leitores se no Algarve deveremos fazer a promoção da cultura por Alves Redol (e outros) ou se deveremos fazer a de outros (e Alves Redol) pela cultura. Digam-nos qualquer coisa pois não queremos mistificar um escritor que lutou sempre contra a mistificação.

ARGUMENTO

OLHAO: O DIÁLOGO IMPOSSÍVEL ENTRE O PÚBLICO E O ECRA

Os olhanenses: um público disciplinado numa plateia que é mão-cheia de gente. No filme fala-se de Hércules, de Sansão, de Ursus, de Músculo, de meia dúzia de murros valentes que pelo menos tiveram a finalidade de mostrar que as construções daquele tempo não eram para os homens daquela fibra (muscular...).

Um público diferente do de Faro: a plateia fala em surdina e apenas quando não há legendas é que tem os seus arranques de entusiasmo.

E que entusiasmo? É para já um diálogo impossível com o écran. Mas surgiu um indivíduo a beber vinho lá do fundo uma voz pouco convincente comenta: «ali é vinho do Porto!». Mal a sr.ª Dalila reduz o sr. Sansão à fragilidade de uma criança, houve logo quem usasse da palavra e discursasse para todos: Cortaste-lhe o cabelinho, pronto!

Mas há quem discorde: isto é um grande barreteço». Há também quem se tivesse entusiasmado: «Má granda urse tá ali, mãe!»

Gostámos desta simplicidade que nunca tocou a indisciplinada (verbal): foi diálogo em Olhão. Infelizmente para o écran.

Luís Pinheiro

NOTA A PROPOSITO DE TRES QUE NÃO DOIS
DESAPARECIMENTOS

Tenho visto algumas vezes, referências saudosistas aos desaparecidos Cine-Clubes de Olhão e Vila Real de Santo António. E se meto o bedelho é para a seguinte correcção: os cine-clubes desaparecidos no Algarve (mistério de cuja investigação bem poderíamos encarregar o Hércule Poirot) não foram dois, mas sim três. O de Portimão também. Que Portimão também o teve, às costas de dois ou três moiros, durante dois ou três anos, nessa época dourada das muitas ilusões.

E, feita a correcção, sempre vos digo que, se não existe agora um cine-clube em Portimão, é apenas porque não aparecem dois ou três carolas como os tais, dispostos a isso. Sala há — a do Boa Esperança. Que não porá as dificuldades da velha Semifísica. Sócios há — os do Boa Esperança, os antigos cineclubistas e muitos, muitos novos que só esperam que os outros tomem a iniciativa.

Há tudo, portanto. O que não há é gente.

Candeias Nunes

Companhia de Seguros admite Empregado para Faro

EXIGE:

- * Pelo menos, o 2.º ciclo liceal ou equivalente.
- * Boa apresentação e probidade moral.
- * Muito boas relações no meio social de Faro e zonas limítrofes que possibilitem uma boa produção na respectiva área.
- * De preferência, com experiência de serviços internos de escritório e / ou de viagem.
- * Se possível, carta de condução e automóvel e ainda conhecimentos de seguros.
- * No caso de não possuir conhecimentos de seguros, possibilidades de permanência no Porto durante cerca de 2 meses para os adquirir, com despesas por conta da Seguradora.
- * Serviço militar cumprido.
- * Residência em Faro para aí dirigir Escritório.

OFERECE:

- * Remuneração correspondente à responsabilidade e às funções do cargo.
- * Possibilidade de melhoria na respectiva carreira.
- * Estabilidade no lugar.
- * Alguns benefícios de ordem social concedidos para além do Contrato Colectivo de Trabalho.

Carta à Administração ao n.º 14134.

Terrenos para Construções Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.
VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA FARO
Estrada da Penha

Aluguer de Casas

Agência francesa pretende alugar casas mobiladas junto às praias. Responder URGENTE enviando fotografias a cores do exterior e interior para:

Vacances au Portugal

ANTÓNIO RITTA

5, Rue Montholon

PARIS 9 ÈME

Sucursal em Lisboa

ANTÓNIO RITTA

Av. Visconde Valmor, 15, r/c

LISBOA

Aluga-se

em Vila Real de Santo António

Loja com duas montras, na Rua dos Centenários, próximo da paragem da Rodoviária, junto à Escola Técnica. Trata António Rodrigues Rosa — Vila Real de Santo António.

Aluguer de Casas

Agência francesa pretende alugar casas mobiladas junto às praias. Responder URGENTE enviando fotografias a cores do exterior e interior para:

Vacances au Portugal

ANTÓNIO RITTA

5, Rue Montholon

PARIS 9 ÈME

Aluga-se

em Vila Real de Santo António

Loja com duas montras, na Rua dos Centenários, próximo da paragem da Rodoviária, junto à Escola Técnica. Trata António Rodrigues Rosa — Vila Real de Santo António.

QUEM BEBE VINHOS
ARRUDA
NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora PBOLOZ
DEPOSITOS: FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 254 - LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 1154 - ALMANSIL telef. 34 - MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º S.A.R.L.
Telex 01633-Teleg. Telef. 45308/09 - 4 Linhas - Caixa Postal 1 - S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal

Fascículos de férias em S. Brás de Alportel

Passou o 20 de Abril, o Dia do Turista. Do evento, extrámos o nosso primeiro fascículo. A margem, havíamos escrito:

«20 de Abril. Que bom gozarmos, agora, as férias de 70! E como é agradável ser turista, acabadinho de chegar, na minha pacata aldeola! Vir para a rua de cravo ao peito esperar os turistas provindos das ilhas, com sorrisos, ramos de flores, sandúches, vinho com rótulo do Porto, etc., etc. — tudo embebedado em arco!»

Aqui, é o Largo de S. Sebastião. Quando lhe trocarão o nome? (Porquê S. Sebastião? Não estaria mais a condizer, se lhe chamassem, por exemplo, de «Bernardo de Passos»!). Mas, estou reparando, naquela esquina, o largo é rua. Pois é: Rua Dr. José Dias Sancho. Nós é que torcemos as coisas. Esta mania de lhe chamarmos «largos», «salas-de-visitantes»! A não ser... a não ser... que ainda não houvesse tempo para extrair dali a tal placacinha, dando o nome à rua que naquele sítio tinha o seu início há vinte e não sei quantos anos!... É uma hipótese...

«Praça Bernardo de Passos», por que não? Assim, assim, até mestre Bernardo anda envergonhado! Verdade seja que o ambiente lhe favorece o anonimato: crescem verdadeiras aberrações de árvores à sua volta; sem sal nem pimenta; inestéticas; pretensos prolongamentos ajardinados da sebe que lhe teceram em redor — por causa dos seus eternos amigos: crianças, gatos, cães, inofensivos seres de amizade segura. Tinham-lhe prometido iluminação que recordasse, nas noites do breu são-brasense, a força ingente dos seus versos. Esqueceram-se, por certo, da

promessa. E, quase, já nem lhe mostram a claridade do dia!

20 de Abril. A expensas da Comissão Regional de Turismo cá dos algarvios que, pelos modos, sempre vai arranjando um lugarinho pentecostoso no burgo corticeiro, ergueu-se uma barraca-posto-de-recepção, onde três meninas, por sinal muito gentis, semifolclóricamente, foram «mimando» o viajante (estrangeiro) desprevenido positivamente. A barraca é gira. Está é mal sinalizada. Alguns turistas escapam-se pelos lados e não colaboram. Outros, são uma simpatia. Param. Olham. Fazem muitos, prolongados «ohs». Tiram fotografias, a cito (às meninas mai-lá barraca). Bebem umas coisas. Dão, ao cavaco, ente eles, Chateiam de perguntinhas. E riem, divertidos, com um à-vontade que o português não é capaz de usar, mesmo na sua casa! Feitosos...

A margem deste primeiro fascículo, tínhamos anotado a opinião de uma professora oficial, quando, na véspera, se pintava a barraca: «para as portas e janelas da escola não há verdade que comporte umas latínhas de tinta; que mesmo os alunos iam pintando...; práli... até há para um pintor de profissão!»

... Deize lá, minha senhora, que a barraquinha está feitosa!

20 de Abril. Chegou a tarde e eu sentado neste ponto de observação. É a hora de novo aliciente: a do lanche. E o são-brasense prós petisquinhos tem amoras! Até parece não lhe terem ensinado a cultivar mais do que o estomago!

Um foguete sobe nas alturas de S. Sebastião. Pschiu. Ai vai ele. Sob. Sob. Desce. Desce. Envergonha-se e não rebenta. Partidinhas de pirotécnico sabido ou esquecimento da pólvora. A festa vai no auge — a avaliar pelo número de cravos nas lapelas. E nos seios. Segundo foguete. Agora sim: pum, catrapum, pum, pum.

20 de Abril. Dia do Turista. Festa singela. Recepção gentil. Gesto sempre bonito e cativante. Ao lado, passa um funeral (contradições da vida). Era uma jovem emigrada na Alemanha. Saudosa e triste que se apressou a si mesma na morte, dizem-me, sinal dos tempos que vão correndo; aqui, a vida local, é alegria e bem estar na palma da mão; quem sabe se lá longe dos seus, das festas e das flores, a não considerariam turista ou, talvez, a alma doentia não sonhasse com cravos vermelhos na lapela...

Adiante — que nós estamos em férias. E os turistas também. Tenho pena, meus leitores, é que — quanto a S. Brás de Alportel — eles, os turistas recém-homenageados, digam «adeus, até para o ano!», e eu não possa, certamente, gozar o 20 de Abril de 72, livre e em férias, para vos dizer, então, como é...

Marcelino Viegas

PORTIMÃO

Vendem-se 2 Lojas Alugadas

Por 750 contos, rende 60 anuais.

Por 300 contos, rende 24 anuais.

Fracções autónomas do prédio sito na Praça da República, 50.

Trata o próprio, Rua Eng. Sá e Melo, n.º 7-A, Almada, tel. 270153. Em Portimão pelo Professor Roque.



SIDÓNIO: um pintor que está no entrosamento do «representar» e do «sugerir». Anotador do irónico, fazendo arte em torno de uma temática de convívio, Sidónio de Oliveira tem prosseguido um exercício que não se largou do Algarve. Sem academias: se houve viragens, desafios, inesperados, conflitos... tudo isso Sidónio adquiriu sem aca. demias.

Por exemplo aqui tem o leitor o modo como Sidónio lhe representa e sugere o sr. Manjua, vendedor de jornais uns olhos chetos de dia-adia, um cérebro abafado por boina enorme, rugas que têm a afectividade de uma cidade inteira (Faro). Cigarro na mão, ar de desafio.

Casal Precisa-se

Sem filhos, meia idade, para trabalhar em casa sem crianças, em Santa Bárbara de Nexe, ela como cozinheira e serviço de fora, ele como jardineiro (ajudante) e serviço simples de garagem. Bom ordenado, comida e alojamento. Resposta a este jornal ao n.º 14 110.



Máquina de lavar roupa Miele a perfeição do pormenor

Miele A própria segurança

Agente Oficial:

MOTOLUX, LDA.

Praça da República, 6 Rua de Santo António, 115 Tel. 62117-LOULÉ Tel. 25727 - FARO

ACERCA DOS URGENTES PROBLEMAS DA SERRA ALGARVIA

(Conclusão da 1.ª página)

Em uma vez que ele esteja feito — e quanto tempo faltará? — já o trabalho de plantação compulsiva das diferentes espécies arbóreas, poderá ser descontado no futuro rendimento da propriedade, desde que o proprietário se desinteresse dos mesmos trabalhos.

Supunha-se, em 1960, que a arborização dos referidos 2523 Km2 incultos, existentes no Algarve em 1950, ou seja 51% da área total do Algarve, poderia aumentar o seu rendimento total em 700 000 contos, no fim de 30 anos, depois da arborização, visto que é o único meio da sua recuperação económica.

Para o conseguir, o Estado investiria 30 000 contos por ano em todo o Algarve, parte dos quais seriam empregados em pagar a quebra de rendimentos que os proprietários das terras obtinham da pastorícia, que ficava assim rigorosamente proibida.

Esta quebra de rendimentos já hoje não existe totalmente, com o abandono dos proprietários que há dez anos ainda viviam nessas zonas serranas — e, hoje, ou vivem no litoral ou emigram.

Em qualquer circunstância, quer fosse o proprietário a fazer a recuperação das suas terras incultas, através dos auxílios que os Serviços Florestais proporcionam em plantas e sementes e, até, no capital, quer fosse o próprio Estado, como se tem feito noutras zonas, até mais íngremes (como são as da comarca de Arganil, no distrito de Coimbra), podemos calcular, grosso modo, que os 243 Km2 do concelho de Loulé aumentariam a sua riqueza em cerca de 67 000 contos por ano, no fim dos 30 anos depois da plantação.

Padaria

Arrenda-se, moderna e bem equipada, com forno rotativo «Sebastiá», em Vila Nova de Cacia.

Trata Maria Justina Pires Mascarenhas — Fuseta, ou Maria C. Vaz Pires — Vila Real de Santo António.

Câmara Municipal de Olhão EDITAL

JOÃO DEODATO NETO CABOZ, engenheiro civil e presidente da Câmara Municipal de Olhão:

Faz público, em conformidade com a deliberação camarária de 21 de Abril corrente, que no dia 26 de Maio próximo, pelas 15 horas, na sala das sessões da Câmara Municipal e perante a mesma, terá lugar o concurso público para execução da obra de «ESTRADA MUNICIPAL 514 — REPARAÇÃO DO LANÇO DENTRO DO CONCELHO DE OLHÃO, ENTRE AS PROXIMIDADES DE ESTIRAMANTENS E PERAL — 8.ª FASE — REVESTIMENTO SUPERFICIAL BETUMINOSO NA EXTENSÃO DE 1227,36 METROS (TROÇO FINAL)», sendo a base de licitação de 131.040\$00.

O depósito provisório é de 3 276\$00 e deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia a preencher pelos próprios interessados.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso, caderno de encargos e outros elementos que interessam à obra estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos serviços de obras desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Olhão, 22 de Abril de 1971.

O Presidente da Câmara,

Eng.º João Deodato Neto Caboz

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Na Acção Especial de Justiça Judicial, pendente na Secção de Processos deste Tribunal, proposta pelo Digno Agente do Ministério Público, em representação da Câmara Municipal desta vila, são citados os INTERESSADOS INCERTOS para contestarem, apresentando a defesa no prazo de DEZ dias, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do presente anúncio. Naquela acção o pedido consiste em que a referida Câmara seja declarada proprietária do seguinte imóvel: — Uma parcela de terreno impróprio para cultura, sita a Poente da futura Rua 14, desta freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, destinada a construção urbana, com uma superfície regular de 3 915 m2, confrontando do Norte com o Bairro Municipal e terrenos municipais, do Sul com terrenos municipais, Nascente com a Rua 14 e Poente com a Rua Jacinto José de Andrade, omissa na Conservatória do Registo Predial.

Vila Real de Santo António, 13 de Abril de 1971.

O Escriturário,

a) Raul Eduardo Martins Serina

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Agostinho de Castro Martins

Correio de LAGOS

PRÉDIOS QUE OFERECEM MAU ASPECTO A CIDADE

Não é segredo que na cidade há muitos prédios que lhe emprestam mau aspecto, alguns desabitados ou aguardando licenças para reconstrução, o que em parte justifica tal mancha. Outros há, porém, habitados ou semi-habitados para os quais não encontramos justificção no completo abandono exterior, e mais quando de sítios de grande trânsito, como sejam a Avenida dos Descobrimentos, Rua Silva Lopes, Rua de S. Gonçalo de Lagos, Rua Lançarote de Freitas e Travessa do Forno, se constatarem essas manchas.

Quem transita pela Avenida dos Descobrimentos, decerto destaca a mancha que oferece determinado prédio sito na Rua da Barroca, entre dois recentemente reconstruídos, e quem se desloca à Ponta da Piedade quer no ramo de contenta quer no de descenda, depara com prédios que são autênticas nódoas, dois dos quais com frente para três ruas, tendo ainda no ramo ascendente mais três prédios abandonados junto à Casa de Saúde do Dr. Clarinha.

Convencidos de que o Município não tem descurado o assunto, mas porque se nos afigura de fazer cessar as manchas apontadas, ousamos defender que os municípios em falta, sejam intimados a obras que poupem a cidade a reparos despretigiantes, porque se interiormente é de admitir bom ou mau aspecto exteriormente tudo se deve apresentar como se de todo as manchas não existissem.

VÃO SER ELIMINADAS AS RETRETTES DO LARGO DOS QUARTÉIS?

Lagos está todos sabemos, carecida de instalações sanitárias. No Largo dos Quartéis existem retretes que não se podem considerar higiénicamente instaladas, mas que, uma vez eliminadas, tornariam a zona da Porta dos Quartéis mais indesejável. Alguém disse que vão ser eliminadas e devido a obras de pessoa de categoria social que se estão efectuando junto a tais retretes, admitimos diligências para a sua eliminação. Mas, porque desta, antevemos descontentamento e reparos que podem redundar em desprestígio dos que presidem aos destinos de Lagos, ousamos defender, que no caso de se pretender aliar o útil ao agradável, se opte pela substituição no mesmo local, por instalações sanitárias subterrâneas, por admitirmos declive suficiente para as mesmas.

64 CASAS PARA PESCADORES?

Há contentamento em Lagos por ter sido noticiado que em 27 deste mês, será efectuada na Junta Central das Casas dos Pescadores a leitura das propostas respeitantes ao concurso para a construção de 64 casas destinadas aos pescadores de Lagos, na primeira fase de empreendimento daquele organismo em benefício da classe piscatória.

Oxalá que concorrentes não faltem e a obra seja adjudicada, porque Lagos, também é Portugal e quanto a bairros para pescadores está presente-mente a zero.

Concretizada a construção, teremos que render homenagem a quantos pela mesma se interessarem, porque o problema habitacional, é, quer quisermos quer não, problema de Lagos, do Algarve e de todo o País.

BODAS DE OIRO

Para assinalar as suas bodas de ouro matrimoniais, reuniu, em 12 do mês findo, sua esposa, filhos e netos num restaurante típico de Lisboa, o nosso assinante José Domingos Carapeto, natural de Lagos e residente na capital há alguns anos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Advertisement for Pontes Eusébio, Médico especialista Ouidos, Nariz e Garganta. Consultas diárias depois das 15 horas. Cons.—Rua de Seno António n.º 68—1.º Dio. Telef. Cons. 23133 Resid. 24263. Res.—Av. de Olivença, 97-5.º Esq. FARO

COMARCA DE LAGOS

Anúncio

para citação de credores desconhecidos

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado José dos Santos Sintra Freire, comerciante, residente em Lagos para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Sociedade de Representações Sida Sueca, Lda., com sede em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lagos, 24 de Abril de 1971

O Escrivão de Direito,

(a) José Carlos Palma Lucas

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

(a) Rui Manuel Brandão Lopes Pinto

VENDE-SE UM MONTE (e outras propriedades) Em QUATRIM — QUELFES

Com casa de habitação e alojamento para gados, com nora de muita água e muitas árvores.

A 20 metros da Estrada Nacional.

Mostra e trata: FRANCISCO JOSÉ LOULÉ, sítio da Igreja — QUELFES ou directamente Rua Fontes Pereira de Melo, n.º 4-1.º Esq. — DAMAIA — Telef. 97 20 93 (Depois das 20 horas).

Factores de desenvolvimento e estagnação na aldeia do Azinhal

(Conclusão da 1.ª página)

do bem aberta pelas próprias acções.

Fundada a Casa do Povo, foi nomeado escriturário, tendo-se dedicado devotadamente a esse mister. Não só desempenhou na íntegra o seu dever de funcionário como revelou durante largos anos ser marco de trabalho assinalando progresso. E tal como no ensino, foi sempre exemplo de dedicação, vergado ao peso do dever, zelando pelos interesses da instituição, conspiciendo os contribuintes através de conselhos úteis.

Entretanto, começou a preparar os primeiros alunos do Azinhal, obtendo de início consoladores resultados que serviram de estímulo ao mestre e aqueles que não gostariam de ver os filhos para ali afogados em trevas, nos ermos tristonhos de face bravia, onde permaneceriam sempre ignorados e ignorantes. Satisfazendo esses anseios, o sr. Simplicio instalou no Azinhal uma escola modesta. Através dos anos, progressivamente, se foi assinalando a continuidade dos êxitos. Mas a sua actividade de escriturário não foi menosprezada. Uma das ocupações não foi menos brilhante que a outra. Analisando em pormenor esta ambivalência de acção sócio-pedagógica, verifica-se que foi ela o principal factor de desenvolvimento intelectual e cívico da população actual dispersa, confirmado por estatística que não desmente. Mas tendo este factor pedagógico influído sobretudo no desenvolvimento cultural da população, resta ainda verificar que a Casa do Povo do Azinhal, desde a sua fundação até aos dias de hoje, muito deve no seu aspecto dinâmico ao modesto escriturário.

Falando de uma pequena aldeia de escassos recursos, começou-se por dar relevo ao sector do ensino, para se concluir que se deve em boa parte a sua evolução, não a auxílios externos, mas unicamente a elementos da própria população, pois o autodidacta e educador Simplicio Palma também nasceu no Azinhal. E sabendo-se que a população não podia despender à toa na educação dos seus filhos, verbas que acresciam pelo pagamento de casa, propinas, alimentação e vestuário, se eles fossem estudar para longe da terra, compreende-se que muitos deles ficariam por ali, entregues a triste sorte, pois na aldeia os factores de estagnação sobrepõem-se aos de desenvolvimento. Entregues à torpe miséria dos terrenos paupérrimos angariavam sustento à força de mourejar, pois as condições económicas são as mesmas das remotas eras e sabe-se que a agricultura não progrediu. Alguns homens de iniciativa enveredaram por melhor caminho e dedicam-se agora ao comércio.

Para além dos poucos estabelecimentos comerciais, que existe em

potencial? Quase nada. Uma fábrica de moagem em actividade, um lagar de azeite mas já nas Chogas, a poucos quilómetros da aldeia. Há tempos, florescia um ténue indício de indústria de panificação, mas essa única padaria acabou no imobilismo total. Podia existir uma bomba de gasolina, pois não é raro automobilistas terem necessidade de ali se fornecerem de combustível.

O Azinhal tem sido designado como terra das rendilheiras, mas essa industriosa arte pouco rende. Salvo raras excepções, na região ninguém pensa ou acha então que não vale a pena a plantação de eucaliptos, que seria produção rentável se existisse uma fábrica de celulose, mas não existe a fábrica, como não existe fábrica para pasta de figo. Com efeito, os factores de estagnação no Azinhal são quase os mesmos de qualquer região da Província.

Como nota de ostensivo progresso temos a notícia de que a 15 de Fevereiro último se procedeu à cerimónia de inauguração da luz eléctrica. O acontecimento comprovou comovedor indício de solidariedade, pois de todos os cantos do País se deslocaram os conterrâneos ao Azinhal. De salientar as palavras proferidas no acto inaugural pelo actual administrador do concelho de Castro Marim que definiu as linhas mestras de futura e louvável acção administrativa, tendo afirmado que a iniciativa do recurso à electrificação do Azinhal se deve ao seu digno antecessor, o falecido capitão Lino Vaz Palma Antunes, que no desempenho das funções administrativas se mostrou sempre particularmente interessado pela melhoria de condições da sua terra natal, tendo actuado o orador que muitos momentos de vigília passara o seu antecessor a meditar em tão melindrosos problemas.

Reafirmando as palavras do actual administrador, podemos ter a certeza de que o povo do Azinhal, se congratula, pelas ruas pavimentadas, por fontes dotadas de bombas de tirar água, e ruas iluminadas, graças ao interesse demonstrado por um conterrâneo.

Verifica-se que certas limitações, até mesmo as de carácter económico, dificilmente conseguem alienar a boa vontade dos homens. Também se sabe que tudo depende de forças que comandam. As medidas camarárias do concelho de Castro Marim, para o futuro, são de uma dimensão e ousadia extraordinárias. Se após a sua concretização e daqui a poucos anos o sr. António Estêvão, na qualidade de administrador, prestar atenção aos problemas da água e a outras necessidades da aldeia do Azinhal, bem como a outras do concelho, não considero perdidas as horas de vigília que entretive a referir os bons e justos empreendimentos. — M. V. P.

Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António Recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional AVISO

ABÍLIO JOSÉ PROENÇA, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do concelho supra:

Torna público, nos termos do art.º 18.º da Lei n.º 2 015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até dia 10 de Maio próximo futuro se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas do expediente, o recenseamento eleitoral da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1971, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar até 15 do mesmo mês de Maio para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no artigo 19.º da citada Lei n.º 2 015.

Câmara Municipal, 28 de Abril de 1971.

O Chefe da Secretaria,

Abílio José Proença

ECONOMIA

Turismo em debate (I)

É urgente que se reformule a política de turismo

A Economia Portuguesa sofreu por volta de 1961-62, o impacto de três factores, que determinaram toda a sua evolução até hoje e que, atendendo à linha de orientação económico-política seguida pelo Governo não vemos possibilidades de ser alterada nos anos mais próximos.

Os três factores a que nos referimos são por ordem decrescente da importância que tiveram e continuam a ter, o incremento das despesas públicas motivadas pela eclosão e manutenção da guerra em África, a emigração e o turismo. Iremos analisar este a nível anacronómico, reservando para um próximo artigo, a análise das suas influências e repercussões a nível regional.

Afinal que é o turismo? Pois digamos que ele enquanto fenómeno sociológico, não é mais do que um fruto das sociedades mais evoluídas, cujos membros vêem nele o meio de fugirem do quotidiano, quando não da própria contextura em que estão envolvidos, por um espaço limitado de tempo (mais de 24 horas) e para isso ou se movimentam dentro do seu próprio país ou se dirigem para outros.

Em Portugal o fenómeno turístico só começou a ter relevância a partir do ano de 1960 e o seu posterior fomento foi devido em grande parte à necessidade de captar divisas estrangeiras para manter o equilíbrio da nossa Balança de Pagamentos. Esse objectivo foi realmente alcançado, através das divisas do turismo mas também das enviadas pelos emigrantes, tendo-se conseguido até hoje manter a Balança de Pagamentos positiva apesar do constante avolumar do déficit da Balança Comercial ou de Transacções.

Contudo, não podemos nem devemos encerrar o fenómeno turístico somente por esse aspecto positivo, que o é na verdade, mas temos que vê-lo também como uma das causas do processo inflacionista que ocorre no Portugal de hoje «...aquilo que em média geral custaria no ano de 1963 ao consumidor 100\$00, em 1969 custava 141\$00...» (1). O modo como se processa essa contribuição através do aumento dos meios de pagamento em circulação no país. Concretizemos melhor o nosso pensamento. São deixadas pelos turistas no país, divisas nas mãos de determinadas pessoas ou entidades, que vêm desse modo aumentar os seus rendimentos e automaticamente começam a exercer uma procura maior nos mercados de bens. Ora em Portugal o que se verificou, foi que a esse acréscimo de procura não correspondeu um acréscimo proporcional da oferta, pois que a esse aumento dos meios de pagamento não correspondeu um desenvolvimento económico paralelo, e consequentemente em virtude das leis de mercado os preços subiram.

Conjuntamente com o desenrolar do processo de desenvolvimento turístico verificou-se outro fenómeno ligado a ele também com uma relativa importância. Referimo-nos à aplicação directa no País de capitais estrangeiros, em sectores ligados ao Turismo. Não pensemos os nossos leitores menos prevenidos, que esta actuação do «grande capital» é unicamente feita neste sector, porque isso não é realmente verdade; em Portugal temos, como de resto acontece em todos os países ditos subdesenvolvidos, grande penetração de capital estrangeiro, que procura por norma a sua aplicação nos sectores susceptíveis de proporcionar maiores lucros e, o que acontece é que o sector turístico em Portugal se integra dentro dessa categoria. Estes investimentos conquanto dêem origem à formação de novas fontes de rendimento para o próprio país, constituem um malefício, pois quando não são reinvestidos os lucros e as amortizações do capital (isso só sucede quando é grande a perspec-

tiva de ainda maiores lucros) eles são regra geral reexportados para o seu país de origem, sobre uma forma acumulada, constituindo assim uma perda de divisas para o país onde o capital foi aplicado.

Analisando agora as duas faces sob as quais se nos apresenta o movimento turístico, o turismo praticado pelos portugueses que viajam dentro do País (não exercendo actividades profissionais), que é o aspecto que nos parece menos conhecido pela maioria das pessoas, e o turismo praticado pelos estrangeiros que vêm até nós, reconhecemos quase que imediatamente que tem sido o último aquele que mais se desenvolveu, beneficiando para esse fim da protecção que lhe tem sido dispensada, tanto pelas entidades governamentais ou para-governamentais como pelas entidades privadas, o que se compreende atendendo ao objectivo essencial a que o Governo submeteu o turismo; a conquista de divisas.

Essa protecção que tem assumido variadas formas, não iremos aqui analisá-la, visto que pensamos os nossos leitores as conhecerem na maioria. Iremos somente verificá-la através da análise da estrutura dos investimentos no sector hoteleiro no ano de 1968, que constitui um exemplo frisante. Investiram-se nesse ano 901 725 contos nesse sector (hotéis, pensões, pousadas e estalagens), sendo 784 535 contos destinados a hotéis, constituindo portanto cerca de 87% do investimento total. Desse montante 34,8% foram aplicados em hotéis de luxo e 37,3% em hotéis de 1.ª classe. Atendendo aos números apresentados e ao rendimento disponível usufruído pela maioria dos portugueses em comparação com os preços cobrados nesses hotéis, fácil se torna ver a quem é que eles se destinam e ao mesmo tempo ajuizar-se da validade ou não desses investimentos.

Uma achega ainda sobre este ponto, é-nos dada pela evolução havida no período 1962-70 do número e da capacidade dos estabelecimentos hoteleiros existentes no Continente:

Anos	Total de Hotéis		Hotéis de Luxo		Hotéis de 1.ª classe		Hotéis de 2.ª classe		Hotéis de 3.ª classe	
	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas
1962	180	20 310	6	1 299	48	7 349	49	5 211	77	6 451
1970	234	29 616	14	3 115	86	13 036	69	7 002	65	5 665

Anos	Total de Pensões		Pensões de Luxo		Pensões de 1.ª classe		Pensões de 2.ª classe		Pensões de 3.ª classe	
	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas	Est.º	Camas
1962	1 034	32 070	3	255	171	7 782	248	9 202	612	14 961
1970	983	34 445	36	1 634	260	12 159	267	9 719	420	10 933

Debate em Albufeira sobre a reforma do ensino

Efectuou-se ontem, em Albufeira, um colóquio sobre a reforma do ensino, que decorreu na sede do Imortal Desportivo Clube e foi orientado pelo dr. Joaquim Magalhães, reitor do Liceu de Faro.

Traineira N.ª Senhora da Graça

Vende-se casco e motor Cummins 205/230 HP tudo em óptimo estado; à vista no estaleiro de José de Sousa Xavier em Portimão.

Excelentes condições para turismo ou pesca do alto. Dão-se facilidades de pagamento.

Respostas a Abel Figueiredo Luiz-LAGOS.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

rigente comunista Chou-En-Lai. As impressões foram as melhores. Pequim e a sua «cidade proibida» abriram-se perante os olhos dos estrangeiros que, em recepções que lhes foram oferecidas, tiveram oportunidade de conversar com os políticos chineses.

Chou-En-Lai chegou a passar duas horas entre os visitantes — conta um jornalista que acompanhou as equipas — e manifestou grande desejo de conhecer o continente americano.

Em face do acontecimento, o Ocidente ficou interdito sem saber que pensar. Imediatamente, Nixon declarou que também gostava de ir à China e admitiu aceder ao fornecimento de aviões americanos comerciais àquele país. Previram-se, ainda, novos torneios de ténis de mesa em que participassem os chineses.

De repente, sem aviso prévio, a China passou à ordem do dia e até houve dirigentes ocidentais a afirmar que se poderia ter relações com Pequim sem cortar os contactos com Moscovo. Voltou a falar-se na ausência do país das Nações Unidas; algumas potências apressaram as suas conversações para futuras relações diplomáticas e de novo a realidade chinesa com a maior extensão e população do mundo surgiu perante os olhos estremunhados do Ocidente.

Sob o pretexto do pingue-pongue, chegou-se à conclusão de que o diálogo é possível e que talvez nem tudo esteja perdido. Afinal que se passa hoje na China Continental? Quem o sabe? Em que medida o Ocidente é responsável por essa mesma ignorância?

Actuando deste modo, alguns países não estarão a tomar partido no dissídio entre Moscovo e Pequim?

Nun mundo onde mais do que nunca há necessidade de entendimento, parece que não é possível esquecer ou pôr à margem uma fatia tão grande e importante como é a China. Talvez, tenhamos atingido o limiar dessa época, talvez já esteja desactualizada a ideia da Conferência da Segurança Europeia.

Afinal o que é a Europa, se ignoramos tudo o resto? Há que pensar na realidade global do universo em que vivemos, há que contar com os muitos milhões que existem para lá dos limites marcados pelos interesses do Ocidente. Esqueçemo-nos muitas vezes que entre nós e os chineses há certos gostos comuns. Pois se eles até jogam pingue-pongue...

Mateus Boaventura

Emídio Sancho

Médico especialista

Doenças das Crianças

Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada

Cons. R. Reitor Teixeira Quevedo, 8-7.º
Telefone 22 967
Resid. - Tel. 22965-42233 FARO

A NECRÓPOLE DE ALCALÁ

(Conclusão da 1.ª página)

da Irlanda Setentrional. Nestes monumentos encontramos câmaras laterais ou nichos, cujas funções eram alojar os corpos das crianças.

Os construtores destes túmulos sofreram influência da civilização Los Millares, como se verifica na comparação dos túmulos tardios desta civilização. Tanto nos túmulos de Alcalá como nos de Los Millares é corrente o aparecimento de objectos de cobre, coincidindo com o advento dessa metalurgia na Península.

Assim como Los Millares, que desempenhou um papel importante na difusão da cultura metalúrgica em Espanha, também Alcalá foi um dos primeiros centros, em Portugal, a desenvolver e a espalhar essa cultura, devido às suas condições naturais (existência de uma mina de cobre em Alcalá). E de salientar que esta povoação era defendida por quatro fortes e duas filas de muralhas e, no auge da sua civilização, chegou a dominar grande parte da Península.

sómente um slogan como é actualmente. Voltaremos a este tema.

Francisco Gonçalves

(1) Armando de Castro em «O que é a Inflação, porque sobem os preços?».

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora PROLAR
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 1154-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 89



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª, S.A.R.L.
Telex 01633-Teleg. Teof.-Tel. 45308/09-4 Linhas- Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

O CICLO DE ALBUFEIRA: Problema que preocupa o povo

(Conclusão da 1.ª página)

que a orientar-se pela funcionalidade social dos seus bens (ainda que parcelarmente), não se compreende porque é que os albufeirenses não decidem com armas e bagagem um dos problemas mais importantes do futuro da terra.

O ideal seria que se construíssem instalações novas e adequadas ao nosso clima (que não é «especial» apenas para os turistas...). Mas haverá alguém que acredite que isso seria possível? Ora se a despesa com o pré-fabricado ultrapassaria a despesa da remodelação e adaptação do edifício da Orada, não se vê qual o fundamento da hesitação e da demora.

O certo é que Albufeira não pode esperar, nem sequer tolerar que entre o povo que generalizadamente deseja o ciclo e o anúncio do ministro, se possam intrrometer elementos retardadores do progresso educativo. — C.

Vai ser um facto a federação dos Municípios do Algarve?

Tem sido referida na Província a constituição de uma federação dos Municípios, visando especialmente a distribuição de energia eléctrica. Ontem deslocaram-se a Évora, para contactar com os Serviços da Federação de Municípios, o governador civil do Distrito, os presidentes das Câmaras Municipais de Faro, Olhão, Loulé, Tavira, Vila Real de Santo António e São Brás de Alportel e o eng. Osvaldo Baptista Bagarrão, director dos Serviços Municipalizados de Faro.

Aluga-se

quarto com pensão de dieta ou sem pensão, sem mais hipóteses, em Faro.

Informa telefone 24195.

Poderá ser muito mais valorizada a bonita Avenida da República de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

truções que não desmereçam do seu traçado e imponência, se não concretiza, bom seria que se atendessem, entretanto, às deficiências que no extremo norte já se notam no seu bonito empedrado com alegorias ao mar, e se evitassem que, especialmente nesse lado, até onde chega, muitas vezes, quem pela Avenida passeia a pé ou de automóvel, crescessem ervas com tanta profusão, imprimindo-lhe aspecto que destoia do todo harmónico que ali certamente se desejaria encontrar. S. P.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 736 — 1-5-1971

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

1.ª Publicação

FAZ-SE PÚBLICO que no dia VINTE E SEIS DE MAIO próximo, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução Sumária que FRANCISCO LOPES MADEIRA, casado, comerciante, desta vila, move contra JOSÉ MARIA DO CARMO, divorciado, comerciante; que residiu em Bornacha — Vila Nova de Cacela, e morador actualmente em França, será posto em praça para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do respectivo preço anunciado, o seguinte:

IMÓVEL

PREDIO RÚSTICO no sítio da Bornacha — Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, com 6.507 m2, composto de terra de semear, com árvores de fruto, casas e dependência agrícolas, nora, tanque e levadas, confrontando do norte com Estrada Municipal, sul com Caminho de Ferro, José Emídio Correia e José Cipriano, nascente com Manuel José do Carmo e poente com José Rodrigues Cipriano e caminho de ferro, inscrito na matriz rústica sob o artigo 2.505, que será posto em praça pelo valor de SEIS MIL SEISCENTOS E VINTE ESCUDOS.

Vila Real de Santo António, 22 de Abril de 1971.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Agostinho de Castro Martins

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

ANÚNCIO

Construção de C. M. 1246—do Buraco ao Pocinho 2.ª fase

Torna-se público que no dia 24 de Maio próximo, pelas 17,30 horas, na Sala das Sessões desta Câmara Municipal, perante o respectivo Corpo Administrativo se procederá à abertura das propostas respeitantes ao concurso público da empreitada indicada em epígrafe.

A base de licitação é de 384 720\$00 (trezentos e oitenta e quatro mil setecentos e vinte escudos).

Para serem admitidos a este concurso, os interessados devem depositar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, a importância de Esc. 9 618\$00 (nove mil seiscentos e dezoito escudos) que constitui o depósito provisório, mediante guia preenchida pelos próprios, o qual fica à ordem do Presidente da Câmara Municipal deste Concelho.

O depósito definitivo a fazer pelo adjudicatário é de 5% sobre o valor da adjudicação.

As propostas acompanhadas da documentação exigível, deverão ser enviadas à Câmara Municipal, pelo correio e sob registo, até às 12 horas do dia do concurso.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto, encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 21 de Abril de 1971.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia



INFATIGAVELMENTE AO ATAQUE

NOVA **DYANE 6**

Dia após dia. Ano após ano. Infatigavelmente. Motor de 35 CV SAE. Radiador de óleo. Alternador em vez de dínamo. Espaço para o que precisa. No maior conforto. Por qualquer caminho. 120 km/h. 6 l aos 100 km à média de 80 km/h. Isto é a nova DYANE 6.

AGENTE OFICIAL CITROËN

AUTO GHARB

de Sousa e Silva & Baptista, Lda. Faro Lagos

Cantinho de S. Brás...

Cartas de emigrantes (2)

QUANDO me lembro da terrível aventura vivida na fronteira franco-espanhola, aventura que não desejo ao meu pior inimigo — sinto que foi um milagre a minha sobrevivência. Eram dois emigrantes, de famílias mansas, que me fizeram irresistível namorico. Facilidades e mais facilidades. Que tinham tudo «comprado» em Portugal e na Espanha; que era chegar a Paris de automóvel, sem mais aquelas apenas saindo para alguma necessidade; que os nove contos que nos esportularam, incluíam hotéis e pensões. Hotéis e pensões, calculo.

Logo que atravessámos a fronteira, apareceu-nos um «D. Elvira» de calças arregaçadas. Houve quem nos segredasse que os carabineiros andavam com a pua na ovidio. De facto, rodados alguns quilómetros, mandaram-nos parar, solicitando documentos. Documentos? O guia pediu-nos calma. Mas nuprica desata-se tal rebolico, que o motorista mal teve tempo de obedecer, com ordens perentórias, e o cano duma pistola na nuca, para embraiar, sendo estarmos tramados arrancos a carripina, roncando doadamente sob fortes «balidos» que escanecaram os pneus.

O grito de salve-se quem puder rebou no negrume da noite. Atravessámos matagais, loucos e desvariados, caíndo aqui, levantando acolá, atravessando rios e regatos, encharcados em suor em debandada como se fossemos pelotão deimado pelo fogo inimigo na frente da batalha. Pernoitámos debaixo de aquedutos ouvindo os veículos nas íngremes subidas pirenaicas, batendo o queixo de frio, com o estômago a dar horas e unindo o corpo para não morrerem enregelados. Sem forças, febris, errámos por penhascos e desfiladeiros, três dias e três noites sob chuva e trovoadas, perdidos e desorientados, com aspecto de terroristas e incendiários à margem da lei. Longo martírio, nessas longas noites esfarpadas, feridos e enlameados, metendo dó e pavor ao mesmo tempo. Só pedíamos a Deus que nos enviasse um carabineiro para acabar o nosso tormento. Mas avançámos agora na terra da promessa, essa França, doce e espiritual, que não nos deixava dormir em sossego na cama húmida da nossa casinha. Chegámos enfim mais mortos que vivos a uma bonita moradia no alto da serra abrupta onde se falava linguagem raiana, uma miscelânea de sons. Como ainda há gente boa neste mundo de Cristo, que se comove com as desditas dos outros, logo nos prepararam café com leite, torradas e mentelga da loja, que nos apasalhou e levantou o ânimo alquebrado. Indicaram-nos veredas e atalhos para porto de salvamento, já com a colaboração de familiares, avisados telefonicamente.

Seguimos para a mágica cidade da luz, berço da civilização ocidental, mas também de desorações e sofrimentos. Tínhamos agora que vencer a batalha da legalização, para não haver problemas quando do regresso à Pátria. As negociações bi-laterais entre as duas nações amigas corriam sob o signo do entendimento.

Como a pendermaria fechava os olhos a muita coisa, procurámos trabalho nos «chantiers» em lugares beras, por não sabermos alinhar um merci biens ou cigarette mon cher ami. Exploraram-nos escandalosamente, mas

«tesos» e esfomeados como chegáramos, sujeitámo-nos a tudo, dormindo e comendo como porcos num curral, para forrar o dinheiro da passagem que escorria sangue.

Quem tinha mãos calejadas ainda se adaptava. Mas a mim, que apenas fazia umas barbás, levando o resto da semana na boa vai ela, jogando o domínio e à loba, e limpando a montra do Grisú nas horas vagas, dotam-me as costas. Fazia cera a montes, com o cinto enrolado no pescoço, bolões das calças desabotoados, como quem anda a chás de bela-lusa... e casa de banho. Mal o empreiteiro se descuidava (eu mirava-o como se ele fosse guarda de um campo de concentração) toca de desansar, limpando o suor que me perlava a testa.

Julguei não aguentar, mas um jovem francês teve pena de mim arranjando-me um lugarinho onde pouco se trabalhava e em que se ganhava qualquer coisita mais. Em França, como em toda a parte, parece-me, quem mais trabalhava, mais se livrou. E é esta concepção, mentalizada nos gulecos, que se traduz em relação ao trabalho, pela palavra: «doucement». Aqui, aliás, pouca gente deita os bofes pela boca.

Quando julguei atingir o paraíso, desencadeiam-se sucessivas greves que atingem os alicerces da vida nacional. Os meus afetados, como é dos heros, somos nós, claro, os operários. Isto não se percebe. Ao fim de 15 dias termina a greve, ficando tudo como antes. Mas eu acho que não, pois as reservas monetárias desapareceram, evaporando-se como fumo. E andámos náo. Não se pagam as passagens, as solas dos sapatos estão esburacadas, a roupa a deir-se, um colidrio. Que saudades da minha terra, onde também se vive! Mas nós somos assim. Queremos correr mundo, ver coisas e coisas: ver, e crer, como S. Tomé.

F. Clara Neves

Delegados

para importante veículo publicitário, aceitam-se em todo o Algarve. Respostas ao Apartado 14 — Lagos.

Vende-se junto à Praia da Luz de Lagos

Courela de terra, um hectar, com acesso, própria para instalar vivenda.

Trata: Francisco Higinio — Praia da Luz — LAGOS.

REPARAÇÕES - ACESSÓRIOS E APARELHOS PARA SURDOS - PROVAS GRATUITAS

SEVER RELOJOARIA PRATAS ÓPTICA

San Diego, 8 - Telefone 191 - Ayamonte (ESPAÑA)

RELOGIOS ÓCULOS de SOL e GRADUADOS ESPECIALIDADE em SEYKOS OMEGAS - TISSOT - CAUNYS e DOGMAS SALÃO DE PROVAS

MINISTÉRIO da ECONOMIA SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

Editais

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que a Sociedade Nacional de Petróleos SONAP, SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 18.000 litros, sita em Monchique, na Rua Serpa Pinto, 57-61, freguesia e concelho de Monchique e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29.034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36.270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 16 de Abril de 1971.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição;

Mário da Silva

Terrenos — Urbanizações

Encarregamo-nos de estudos para valorização, à percentagem. Oferecemos apoio técnico total. G. E. C. O. P. — Rua Soeiro da Costa, 35-1.º Dt.º — LAGOS.

ARROZ agulha extra

MOÇAMBIQUE

Enquanto não temos «Trevó» Peça arroz Moçambique.

Comissão Regional de Turismo do Algarve

AVISO

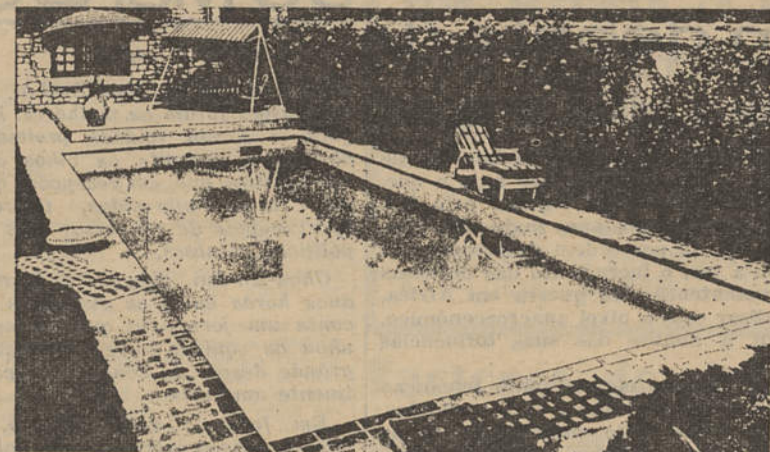
A Comissão Regional de Turismo do Algarve torna público que admitirá dois Agentes Técnicos de Engenharia Civil para o seu quadro de pessoal eventual, que serão remunerados com o vencimento mensal de 7.800\$00 (sete mil e oitocentos escudos).

Os possíveis interessados deverão dirigir-se ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, com sede em Faro, até 15 de Maio próximo, indicando idade, naturalidade, residência e todos os elementos indispensáveis para a melhor apreciação da sua situação.

Faro, 24 de Abril de 1971.

O ADMINISTRADOR-DELEGADO, Eng.º João Luís Olias Maldonado

PISCINE ALGARVE



Pela primeira vez em Portugal

Piscinas em resina Políester reforçada com fibra de vidro

«PISCINE ALGARVE» reúne numa só todas as vantagens de vários materiais

—Isento de corrosão—Insensível a sismos—Não necessita de pinturas —Rapidez de construção—Isolamento térmico

—Constituída por módulos pré fabricados permitindo vários tamanhos—VOCE MESMO PODE CONSTRUIR A SUA PISCINA

Mas... não são apenas estas as vantagens que contribuem para o bom sucesso da «PISCINE ALGARVE»: é toda uma organização especializada que se encontra ao seu dispor e, ainda, a garantia de 7 anos de experiência.

Com um simples telefonema tem, a prestar-lhe todas as informações, alguém que zela pelo seu interesse.

ENTREGAS IMEDIATAS

Sebes Consultório Técnico e Comeroial, Lda.

Departamento de Piscinas

LISBOA — Av. do Brasil, 200 r/c Esq.—Telefone 722071/2

ALGARVE—R. Winston Churchill 1.º Esq.—Loulé—Telefone 62 058

JORNAL DO ALGARVE N.º 736 — 1-5-1971

TRIBUNAL JUDICIAL da Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

1.ª Publicação

Em 25 de Maio de 1971, pelas 14 horas, no próprio local, serão postos em 1.ª praça, pelos valores constantes do processo, os trespases e recheios dos estabelecimentos comerciais sitos nesta Vila, na Praça Marquês de Pombal n.º 23 e na rua Teófilo Braga n.º 83, este último denominado «Empurre», descritos no inventário pendente na secção central desta comarca, por óbito de António Soares, que foi residente nesta Vila.

Vila Real de Santo António, 22 de Abril de 1971.

O Chefe da Secretaria,

a) António Figueiras da Cruz

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Agostinho de Castro Martins

do alto da torre



Falta de vista

«ENTÃO, o que há de novo?», costumam perguntar as pessoas depois de algum tempo de ausência. E evidente que perguntam por perguntar. E a resposta surge também maquinalmente, muito descolorida e insípida: «Está tudo cada vez mais velho!...»

Bem, a verdade é que está de facto tudo cada vez mais velho. Os rostos enrugam-se; os cabelos caem ou tornam-se brancos; os músculos perdem a elasticidade; a voz começa a ficar rouca e a vista cansada. Especialmente a vista.

Uns dizem que é devido ao forte lido do mar; outros que pelas paredes caídas de branco; outros ainda que pela proximidade das salinas. O certo, é que qualquer dia a Fuseta está exactamente como aquela terra onde quem tinha um olho era o rei. Não queremos, de maneira nenhuma, chamar cegeiras aos seus habitantes, mas o facto é que aparecem por aí tantas coisas mal feitas, que vê-se mesmo que houve falta de «colhinhos». Isto não é criticar quem seia pelo «sonos» da branca noiva do mar. Sim, porque a Fuseta, digam o que disserem, é uma terra adormecida. Contudo, não custa nada, de vez em quando, fazer uma visita ao oftalmologista ou então arranjarem uns óculos sempre que tenham de dirigir ou executar obras em prol da nossa traçomata colectividade.

Para não fugir ao tema, falemos da Rua da Boavista. Esta, coitada, é que ficou cega de todo, pois passou a chamar-se Rua do Contra-Almirante Marcelino Carlos. Não sabemos, porém, não nos move qualquer má vontade contra o contra-almirante, que, aliás, é um dos orgulhos da Fuseta. Porém, sabendo-se que ele nunca ali residiu, por que motivo a mudança toponímica? O nome do ilustre marinheiro ficaria bem, sim, onde nasceu ou viveu (segundo consta foi na Rua das Vinhas ou ali perto) mas nunca na Rua da Boavista.

Bem, mas nós estamos a fugir à questão. O que queremos afirmar é que colocaram, há dias, nesta artéria, uma placa de sinalização de circulação proibida. Muito bem, muito bem, porque já em crónicas anteriores o havíamos pedido urgentemente.

É que esta rua termina abruptamente numa escada, e muitos foram os pobres incautos que ao descê-la (é um declive acentuado) ali partiram a cabeça, quando não partiram carros ou bicicletas.

Felizmente que alguém abriu um olho e verificou que a via necessitava de uma placa daquelas. Mas abriu só um, porque se tivesse aberto os dois, não deixaria certamente de colocar outra, na Travessa da Boavista, perto do quartel da Guarda Fiscal, onde desemboca a Rua Dr. Teófilo Braga.

Par aqui serve, pois, para aqueles que circulam pela travessa, a chapa de sentido proibido colocado na rua lá atrás?

Por favor, deixem a Fuseta dormir, mas acordem vocês!

Reis d'Andrade

DAS AÇOTEIAS DE ÓLHÃO



Um miradouro único

DA nossa «açoteia», olhamos S. Miguel, não o arcaño, com balança e espada, mas o serro enorme, que constituirá elemento do maior valor no turismo algarvio, quando convenientemente aproveitado. No património turístico do concelho de Olhão, ele ocupa lugar de primeiro plano, oferecendo extraordinária potencialidade de recursos. No aproveitá-lo, ou melhor, no saber ou não aproveitá-lo, pode vir a escrever-se uma das páginas de vitória ou derrota do turismo oihanense.

Para já, e quanto antes, impõe-se a conclusão dos trabalhos na estrada de acesso, com a conveniente betuminação, de modo a permitir o trânsito em condições desejáveis. Sem isto, nada feito. Sabemos que a obra é de custo relativamente elevado, mas pelo seu interesse ela não pode ser apenas suportada pela Câmara Municipal. Eis uma tarefa que se enquadra no âmbito do Plano das Infraestruturas Turísticas do Algarve e em que a Comissão Regional de Turismo terá oportunidade de algo fazer pelo concelho.

Depois, ou paralelamente, é necessário, mas de uma necessidade urgente, a existência dum plano urbanístico, para que cada um não faça o que entender e a «sementeira de antenas» não destrua os melhores ângulos de visão do que é, sem dúvida, um dos mais belos miradouros naturais do sul do País.

Com a pavimentação da estrada, estamos em crer que uma unidade hoteleira, tipo pousada, ali surgiria. E aqui cumpria às autoridades darem todo o apoio a quem se metesse em tal realização. Fazemos esta advertência, co-nhecedora das múltiplas dificuldades que não raro se colocam ante quem procura algo concretizar.

Afinal, o Serro de S. Miguel merece bem a mais cuidada atenção e o interesse daqueles a quem foi confiada a missão e tarefa de fomentarem, valorizarem e trabalharem pelo turismo algarvio. Porque, afinal Olhão é, e genuinamente, Algarve.

Maria Armada

Vende-se

Um lote de terreno com dez metros de frente e vinte de fundo na Rua 3 (futura Avenida de Aiamonte) entre a Praça de Touros e a E. N. 125), em Vila Real de Santo António. Dirigir a Domingos Horta, na mesma vila.

Farmácia

Precisa direcção-técnica, com residência no Algarve.

Resposto ao Apartado 31—FARO.

Eduardo Fôlha Moraes

Desenho — Pintura — Decoração
CARTAZES — PAINÉIS — LETRAS
Rua Patrão Lopes Telefone 65113
QUARTEIRA — Algarve — Portugal

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISAO

Sofrer até ao fim

Bem quiseram os homens do Farense resolver, apenas por si, a sua permanência, neste prélio em Guimarães. Fizera-se de maneira estólida e a mercaderia aproveitou-se da forma dedicada como se houvessem. Entraram em campo e apossaram-se das operações. Surgiram oportunidades de marcar, que se não concretizaram. A equipa dispôs-se então mais cautelosamente, talvez pensando que um ponto (o tal desejado ponto) era o arranjar a questão.

Atal a 17 minutos do termo, o sr. Joaquim Freire, de Aveiro (mais um juiz avulso a dirigir encontros dos algarvios) apontou para o castigo máximo num lance que, no dizer de testemunhas presentes, não era para tal. Mas manda quem pode... e diga-se o que se disser, escreva-se o que se escrever, lá dentro das quatro linhas quem manda são os homens do apito.

Retornou assim o Farense com uma derrota e uma situação não claramente definida. Claro que as possibilidades de desproporção, são muito reduzidas, reduzidíssimas mesmo. Mas porque futebol é futebol, convinha que amanhã no Municipal de Faro, a turma não saísse derrotada. Seria uma feliz lembrança do derradeiro prélio jogado no pelado de S. Luís.

De respeito, porém, é o adversário. Chama-se Vitória de Setúbal, a categorizada equipa que na cidade do Sado infligiu ao Farense a sua maior derrota. O seu «homem-gol» Vitor Baptista vem de algum modo jogar a conquista da «Bola de Prata» e o Vitória pode ocupar a 4.ª posição. O desafio vai ser emotivo, mas quem disse que o «tombar gigantes» já não existe?

II DIVISAO
Com tudo resolvido...

Tal como se esperava, as turmas algarvias não perderam nesta derradeira jornada jogada nos seus terrenos. O Portimonense, que se deslocou a Silves, por via da interdição do seu campo, venceu o Seixal por 1-0. Verdade seja que esta expressão de vitória não traz o que foi o domínio dos barlaventinos, mas os visitantes tentaram defender o nulo e arrecadar algo de pontuação positiva. Sobreveio o maior poder técnico e tático do Portimonense e a vitória enquadra-se com justiça, no confronto havido entre os dois meios-campos. Assinalamos o brio com que o Seixal se houve, fazendo jus a não perder.

O gol da vitória foi marcado por Afonso aos 80 minutos.

Em Olhão, a partida não alcançou grande nível técnico. Os donos da casa tentaram o gol desde início. Cansaram-se de tanto atacar e tão pouco conseguir, pelo que o pendor defensivo do Sesimbra deu os seus frutos.

RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISAO
V. de Guimarães, 1 — Farense, 0

II DIVISAO
Olanhense, 0 — Sesimbra, 0
Portimonense, 1 — Seixal, 0

III DIVISAO
Paio Pires, 0 — Silves, 4
Lusitano, 1 — Amora, 1
Esperança, 4 — Grandolense, 0

JUNIORES
Farense, 0 — Aljustrelense, 0
Vit. Setúbal, 3 — Olanhense, 2

JUVENIS
Olanhense, 3 — Vendas Novas, 0

JOGOS PARA AMANHA

I DIVISAO
Farense-Vit. de Setúbal

II DIVISAO
Seixal-Olanhense
Oriental-Portimonense

III DIVISAO
Silves-Juventude
Lusitano de Évora-Lusitano F. C.
Almada-Esperança

JUNIORES
Sesimbra-Farense
Olanhense-Lusitano de Évora

JUVENIS
Vendas Novas-Olanhense

BASQUETEBOL

A CASA DOS PESCADORES DE PORTIMAO SAGROU-SE, COM INTEIRO MERECIMENTO, CAMPEA DO ALGARVE

Está de parabéns a simpática colectividade barlaventina que a causa do basquetebol tem dedicado especial carinho e prestado assinaláveis serviços. Pena só que, nos últimos anos, não tenha sido dada melhor atenção à preparação das camadas mais jovens, e a semente que se lança à terra... Mas, acreditamos que já na próxima época tudo irá ser diferente. Não é assim gentes de Portimão?

No derradeiro encontro da poule de desempate disputado em 24 deste mês no Pavilhão do Faro, confirmamos o favoritismo que lhe era atribuído muito justamente, o cinco esteve igual a si próprio e... bem, contemos como foi: Casa dos Pescadores de Portimão, 57 — Olanhense, 47, com 27-22 ao intervalo.

Alinharam e marcaram: Pescadores de Portimão: Joaquim Figueiredo (13), Marrieros (15), Amaro (6), Fernando Figueiredo (15), Peixinho, Matos (8) e Florêncio (2); Olanhense: Relvas (9), Brito (6), Andrade (10), Alvaro (11), Calé (11) e Jôia.

Havíamos vaticinado que do confronto entre a produção de jogo do pivot Alvaro do Olanhense e o eficiente contra-ataque do cinco de Portimão dependeria o vencedor. E não nos enganámos. Enquanto durou a já de si deficitária condição física de Alvaro, o Olanhense mostrou ser capaz de poder discutir o resultado até final. Se não vejamos: a 10 minutos de jogo, 13-9 favorável aos barlaventinos, pertencendo os 9 pontos do Olanhense ao seu influente pivot. Depois, foi faltando força física a um — o Olanhense — enquanto os Pescadores de Portimão subiam de rendimento, denotando certa frescura física.

No plano tático, ambos os cinco se equivaleram, optando na defesa pela zona — o Olanhense no sistema 1-3-1 e o antagonista em 3-2, verificando-se o inverso quando na ofensiva, com flutuações sucessivas dos pivots, com a finalidade de criar maior espaço de manobra aos mesmos e possibilitar boas situações de lançamento de meia-distância.

Houve maior lucidez por parte dos homens de Portimão com destaque especial para o longilíneo Marrieros, com bom trabalho de pés e excelente poder de elevação, e para os irmãos Figueiredo, bons intérpretes do contra-ataque planeado, e com boa percentagem de lançamentos de meia-distância. Costámos ainda de Matos que entrando só na 2.ª parte contribuiu decisivamente para a vitória final.

O Olanhense fez o que, nas actuais condições, lhe era possível. A equipa evidencia ausência de fundo físico. Que aconteceria se Alvaro, Andrade e Brito estivessem em boas condições físicas? Pois aconteceria, sem dúvida, maior réplica e, quem sabe, talvez a conquista de mais um título.

Em conclusão, neste Campeonato Distrital disputado aos soltuos, tivemos um vencedor justo e incontestado.

Resta-nos salientar, ainda relativamente a este jogo, o desportivismo evidenciado pelos dois cinco, num encontro que teve a servilidade de um arbitragem imparcial mas algo desastrosa e com falhas de observação, para isso contribuiu o facto de actuar um só árbitro. E continuamos nisto sem que sejam imputadas responsabilidades nem aos juizes nem aos seus dirigentes. Enfim, aguardemos melhores dias...

II DIVISAO
Ataques em tarde inspirada

Assim aconteceu com o Silves e o Esperança, que obtiveram cada um quatro golos. O onze silvesense cometeu a proeza de os alcançar no terreno do adversário, mais exactamente em Paio Pires. Por seu turno, o onze lacrobriense «brindou» com os tais quatro golos do Desportivo Grandolense. Estes resultados fazem-nos acreditar que ambas as equipas se manterão nesta prova federativa. O Lusitano voltou a fazer um resultado pouco aceitável no seu ambiente. Que se passa com os vila-realenses?

JUNIORES

Recomeçou esta competição e o confronto foi-nos desfavorável. O Olanhense foi perder a Setúbal e o Farense consentiu em casa um empate.

JUVENIS

Na 2.ª fase do Nacional, o Olanhense tem (salvo as contingências imprevisíveis) garantida a presença na 2.ª eliminatória. Os três golos sem resposta devem bastar e sobrar. Assim, prevê-se um empate entre o Vitória de Setúbal e o Olanhense, pois que no domingo os sadinos foram vencer à Tapadinha.

O Algarve incluído em cruzeiros marítimos

Atracou na quinta-feira ao cais comercial de Faro o navio panamiano «Apolo», com excursões turísticas entre os portos do Mediterrâneo e de Portugal. Permanecerá entre nós durante dez dias, que serão ocupados pelos seus passageiros em excursões no Algarve. É a primeira vez que o «Apolo» atraca a Faro, porto que será incluído em futuras viagens deste navio.

Vende-se

Propriedade situada na freguesia e concelho de Ourique, com 80 hectares, terras de semear, montado de azinho e algum sobre e com algumas várzeas de regadio. A 500 metros da Estrada Nova do Algarve. Resposta a este jornal ao n.º 14150.

Farmácia
Precisa ajudante.
Resposta ao Apartado 31 — FARO.

Humberto Gomes

AVISO

A Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve — CEAL SARL, — comunica, que a pedido dos CTT em Faro teve de adiar para o próximo dia 9 de Maio (domingo) o corte de energia eléctrica a todo o Algarve desde as 06,30 h às 13,00 h, anteriormente anunciado para o dia 2 de Maio.

Este corte é efectuado de acordo com a Companhia Portuguesa de Electricidade e para se processar a manutenção dos equipamentos eléctricos na Subestação de Ferreira do Alentejo.

O Eng.º Chefe dos Serviços de Exploração no Algarve,
António Alves de Moura

AVISO

Pequeno terreno entre 1 000 a 2 000 m2, com casa, água, de preferência em ponto alto, na região de Armação de Pêra, Alcantarilha e Porches. Responder com detalhes completos, preço e situação. Resposta a este jornal ao n.º 14138.

VENDE-SE

Terreno para construção com 500 m2, aproximadamente, em Sesmarias (Carvoeiro) Algarve. Aceitam-se ofertas a partir de 80 contos só até fins de Junho. Escrever à Rua Gustavo Matos Sequeira, 37-1.º Esq.º — LISBOA.

Sessão de divulgação do judo no Clube Náutico do Guadiana

Com boa assistência, constituída por um público vivamente interessado, e que não regateou aplausos aos jovens intervenientes, decorreu na quarta-feira, no Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António, uma sessão de divulgação da técnica do judo, dirigida pelo mestre húngaro Laszlo Kabai.

Apresentaram-se as classes infantil-mista, com cerca de 20 praticantes, e de adultos, também com cerca de 20 executantes, tendo entre eles alguns categorizados judocas, que deram numerosos exemplos da técnica da popular luta-desporto de origem japonesa.

Andebol corporativo

Disputou-se durante a semana finda a fase final do campeonato de Andebol de 7 da F. N. A. T., verificando-se os seguintes resultados:

TAP, 3 — Eva, 15; Fiaal, 13 — Sacor, 7; Eva, 5 — Fiaal, 10; TAP, 12 — Sacor, 10.

A classificação final ficou ordenada como segue: 1.º, Fiaal; 2.º, Eva; 3.º, TAP; 4.º, Sacor.

A Fiaal e a Eva representam o distrito no campeonato para apuramento da 4.ª zona.

COLUMBOFILIA
Concurso Évora-Faro

Organizada pela Sociedade Columbófila de Faro disputou-se a prova de Évora, que terminou com a seguinte classificação: 1.º, 2.º, 4.º e 5.º, António da Costa Rosa; 3.º, José Zacarias de Sousa.

Hoje realiza-se a primeira prova de Espanha, com largada de Sória.

Atletismo no Algarve

A Associação de Atletismo de Faro resolveu antecipar para os dias 8 e 9 deste mês o Campeonato Regional de Fita, a realizar em Lagos para a categoria de Juvenis (masculino e feminino), antes marcado para os dias 15 e 16.

Festeja-se o 51.º aniversário do Clube Recreativo Tavirense

Decorrem em Tavira as comemorações do 51.º aniversário do Clube Recreativo, agremiação cultural que na causa do amadorismo teatral e à recreação dos seus associados tem prestado boas provas ao longo de meio século de existência.

Ontem, no salão de festas da Escola de Pesca de Tavira, efectuou-se uma sessão solene, com a intervenção de algumas das figuras mais representativas do clube e encerrada com o hino daquela colectividade. Seguiu-se um programa de variedades em que colaboraram amadores do Recreativo, demonstrando que as tradições musicais e teatrais permanecem vivas no espírito dos seus associados e famílias.

Hoje, no mesmo salão, os festejos encerram-se com um baile abrilhantado pelos conjuntos musicais Unidos + 1 e Tema 139 que servirá de pretexto para alegre confraternização.

Naufração sem consequências em Armação de Pêra

ARMACAO DE PÊRA — Na tarde de sábado passado, quando o vento sudoeste se fazia sentir mais forte, picando o mar de ondulação alta, traiçoeira e incomodativa, um pequeno barco à vela surgiu a navegar na baía de Armação de Pêra, o que despertou a atenção de alguns marítimos que se encontravam na praia. A certa altura, porém, quando o barco se fazia mais ao largo, a uma milha da costa, uma rajada mais violenta voltou de quilha para o ar o «Marco Polo» Navalmox, 16, da matrícula Atelierys Marítimos Croissicals, tripulado pelo proprietário, sr. Jean Claude, francês, de 20 anos, que com a sua família se encontra a passar férias no Algarve, pondo em perigo o seu proprietário que, depois de várias tentativas infrutíferas, para pôr o barco a navegar, teve de desistir e, já exausto, agarrou-se ao casco do barco para não sucumbir, deixando-se arrastar ao sabor da correnteza das vagas. Valeu-lhe não ter morrido, o arrojo e coragem (já muitas vezes demonstrada) dos marítimos António do Carmo Pontes e Pedro Duarte, que, reconhecendo o eminente perigo que corria o naufrago, rapidamente se lançaram a nar num pequeno barco a remos, conseguindo, graças ao seu denodo, não só salvar o naufrago como arrastá-lo ao largo para a costa, para o que em seu auxílio acorreram os marítimos José Gordinho, Higinio Atanásio e Amílcar dos Reis no barco motorizado «Santa Salomé» e José Guilherme, no barco motorizado «Furna Submarina» que vinha de um passeio com turistas às imponentes fumas desta costa. Reboçaram o barco até à praia, onde o povo, que acorrera os recebeu com manifestações de carinho, assim como a família do naufrago que ao saber a triste notícia apareceu aflita na praia, a abraçá-lo muito reconhecida por o terem salvo. — E. S. P.

Quando haverá bairros de pescadores em Quarteira e Monte Gordo?

Foi há dias noticiado que na cidade de Lagos, vão ser construídas 64 habitações para pescadores. Existem no Algarve vários bairros de pescadores, que um escritor em feliz expressão apelidou de «bandos de gaióvotas ajeitando junto ao mar». Recordamos ao acaso os de Santa Luzia (Tavira), Fuseta, Olhão, Albufeira e Portimão.

O novo conjunto a erguer em Lagos é mais um marco na batalha de promoção social e humana que se impõe travar. Recordamos porém a grande carência que de iguais empreendimentos se nota em Quarteira e Monte Gordo. Centros turísticos de primeiro plano, são também conhecidos e genuínos núcleos piscatórios. Mas são as condições habitacionais de que os homens do mar de Monte Gordo e de Quarteira dispõem, e que o turismo veio agravar. Várias vezes tem sido prometida a construção de bairros nas duas povoações. Importa porém que, quanto antes, os pescadores de Quarteira e Monte Gordo e suas famílias, disponham de casas económicas e confortáveis, como os seus camaradas de outros locais do litoral português.

Contabilista

Diplomado pelo Instituto Comercial de Lisboa; com serviço militar cumprido, bons conhecimentos de inglês e francês, aceita emprego compatível. Resposta a este jornal ao n.º 14149.

FIOS PARA TRICOT
A. NETO RAPOSO, LDA.

Minha senhora, se deseja adquirir FIOS PARA TRICOTAR EM Lã, FIBRAS ACRILICAS, FANTASIAS E ALGODÕES, temos preços e qualidades especiais para SI.

ROBILON a fibra que se impõe, pelas suas cores e qualidades.

PEÇA AMOSTRAS, se as não tiver ainda, à Casa!

A. NETO RAPOSO, LDA. (FABRICANTES)
Praça dos Restauradores, 13-1.º Dto. (junto ao Metro) — Telefone 326501 — LISBOA

Empregada de Cozinha

Com prática, precisa-se. Informações pelo telf. 136 — Tavira ou Apartado 20 — Tavira.

Foram inauguradas em Faro as instalações da Siemens

Sob a presidência do dr. Manuel Esquivel, governador civil do nosso Distrito, decorreu na manhã de sábado passado a inauguração das novas dependências da Siemens — Companhia de Electricidade, S. A. R. L. Presentes outras individualidades ligadas à vida oficial da Província e daquela companhia.

O dr. Manuel Esquivel cortou a fita simbólica, seguindo-se a bênção das instalações pelo rev. dr. Henrique Ferreira da Silva. Na visita efectuada a esta presença da Siemens em terras do Sul, viu-se a larga representação de material electrodomeéstico e o bem aparelhado serviço de assistência.

Mais tarde, no Hotel Eva, decorreu um almoço de confraternização, que reuniu largas dezenas de convivas e em que foi apresentado o novo televisor da Siemens concebido para as exigências da Província em face das múltiplas condições. Os dois primeiros aparelhos presentes ficaram em Moura (no sorteio efectuado entre os vendedores foi premiado o sr. António da Silva Pacheco, daquela vila) e em Faro pois a Siemens distinguiu o Sporting Farense com um «Siemens Internacional».

Aos brindes usaram da palavra os srs. José Amado, chefe do Departamento de Electrodomeésticos; dr. Karl Bulach, director de Exportação; Wolfgang Georg Buller, administrador-delegado em Portugal, eng. Osvaldo Baptista Bagardo, delegado da Direcção Geral dos Desportos, e major João Henrique Vieira Branco, presidente da Câmara Municipal de Faro.

Durante o almoço actuou com agrado o Rancho Folclórico de Faro.

Serão para trabalhadores em Faro

Dedicado ao pessoal da Empresa de Viação Algarve efectua-se em Faro, em 17 deste mês, um serão para trabalhadores, organizado pela FNAT.

Foram inauguradas em Faro as instalações da Siemens

Serão para trabalhadores em Faro

Dedicado ao pessoal da Empresa de Viação Algarve efectua-se em Faro, em 17 deste mês, um serão para trabalhadores, organizado pela FNAT.

Vende-se

Traineira para a pesca do alto. Comp. — 21,5 Metros Motor — Merc. Benz 220 HP Preço — 80.000\$00

Tratar com Carreira Naval Figueirense — Figueira da Foz.

H. PIMENTA DE CASTRO
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA
Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —
CONSIDERA-SE A URGÊNCIA
CONSULTÓRIO:
Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º — OLHÃO
TELEF. OLHÃO — 72619
Residência — 23104 FARO
349 — MONTE GORDO

AVISO

A Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve — CEAL SARL, — comunica, que a pedido dos CTT em Faro teve de adiar para o próximo dia 9 de Maio (domingo) o corte de energia eléctrica a todo o Algarve desde as 06,30 h às 13,00 h, anteriormente anunciado para o dia 2 de Maio.

Este corte é efectuado de acordo com a Companhia Portuguesa de Electricidade e para se processar a manutenção dos equipamentos eléctricos na Subestação de Ferreira do Alentejo.

O Eng.º Chefe dos Serviços de Exploração no Algarve,
António Alves de Moura

AVISO

Pequeno terreno entre 1 000 a 2 000 m2, com casa, água, de preferência em ponto alto, na região de Armação de Pêra, Alcantarilha e Porches. Responder com detalhes completos, preço e situação. Resposta a este jornal ao n.º 14138.

VENDE-SE

Terreno para construção com 500 m2, aproximadamente, em Sesmarias (Carvoeiro) Algarve. Aceitam-se ofertas a partir de 80 contos só até fins de Junho. Escrever à Rua Gustavo Matos Sequeira, 37-1.º Esq.º — LISBOA.

AVISO

Pequeno terreno entre 1 000 a 2 000 m2, com casa, água, de preferência em ponto alto, na região de Armação de Pêra, Alcantarilha e Porches. Responder com detalhes completos, preço e situação. Resposta a este jornal ao n.º 14138.

VENDE-SE

Terreno para construção com 500 m2, aproximadamente, em Sesmarias (Carvoeiro) Algarve. Aceitam-se ofertas a partir de 80 contos só até fins de Junho. Escrever à Rua Gustavo Matos Sequeira, 37-1.º Esq.º — LISBOA.

ROCAMBOLE

(Continuação)

A DAMA RUSSA

rosto é o primeiro que me interessa depois que aqui estou vai para dez anos.

— Oh! meu Deus — exclamou Baccarat — pois está aqui há dez anos?

— É verdade, minha filha. A pecadora estremeceu.

«Terei eu de ficar aqui outro tanto tempo», pensou ela.

Venha comigo, menina — disse a louca pegando-lhe num braço — vamos dar uma volta pelo jardim. O tempo está bom e o sol quente como na Primavera. Como se chama?

— Luísa

É um bonito nome. Eu chamo-me Joana. Tenho ainda um outro nome mas não o uso, pois roubaram-me.

Baccarat olhou para ela com espanto. A louca pareceu adivinhar a significação desse olhar e disse:

— Minha querida menina, eu não sei a razão por que se encontra aqui, mas o que sei é que não está louca.

Baccarat soltou um grito.

— Acredita isso, não é verdade, minha senhora? — disse ela.

— Não é necessário ser médico para o ver. A loucura e a razão conhecem-se no rosto. Eu logo vi que a menina tinha todo o seu juízo.

A pecadora tomou entre as suas as mãos da louca e beijou-as com efusão.

— E a senhora — perguntou ela, trémula e ansiosa.

— Eu?... eu estou louca há dez anos. Pelo menos é essa a opinião de meu marido, a dos médicos, e a de toda a cidade de S. Petersburgo.

— S. Petersburgo? — disse Baccarat com espanto.

— Sim, eu sou russa — respondeu em voz baixa a louca. E levando Baccarat para um banco fé-la sentar.

— Vamos, conte-me o que fez — disse ela. Que homem a enganou ou que tirano a persegue para estar aqui? Eu bem vejo que assim como eu...

E interrompeu-se bruscamente.

— Olhe — prosseguiu ela passado um momento — há homens sem pudor, cuja alma venal se presta a todos os cálculos. A menina está tão louca como eu, mas há pessoas capazes de afirmar o contrário e provarão a sua demência. Quem aqui entra nunca mais sai.

A dama russa falava com doçura, sem cólera, e continuou com um sorriso amargo:

— Muitas vezes a loucura é um pretexto para punir ou salvar grandes culpados. Eu fui criminosa um dia, e há dez anos que expio o meu crime, vivendo entre doídos.

Baccarat olhou para a sua interlocutora com espanto misturado de terror. Que crime cometera aquela mulher?

Imagine — prosseguiu ela — que eu mereci a pena de morte: mereci-a, porém, em tais circunstâncias, que me não considero culpada, mas reputo-me vítima.

No momento em que a louca ia contar a sua história, chegou-se a ela uma rapariga loura, alta, delgada, branca como o lírio, em cujos olhos brilhava um fogo estranho. Trajava um vestido branco, tinha os cabelos entrelaçados com flores de laranjeira, e sorria com tristeza.

— Ah — disse ela, batendo no ombro da dama russa — como veio tarde, minha tia; o cortejo já partiu, e na igreja só esperam por nós... venha... venha...

E cumprimentando Baccarat, continuou a caminhar com rapidez.

— Pobre rapariga — disse a dama, seguindo-a com os olhos.

— Que tem ela — perguntou Baccarat.

— Enlouqueceu na véspera do seu casamento; nesse dia o seu noivo e um rival bateram-se num duelo, num baile de máscaras. Ela

chegou, separou os combatentes, mas era já tarde, tinha perdido a razão.

Baccarat e a dama russa continuaram a passear; sentada a uma das mesas do jardim viram uma mulher já idosa contemplando com profunda atenção um objecto que girava. Era uma roleta em miniatura, e no cilindro rodava uma bola de marfim, cujo som a velha parecia escutar com ansiedade e alegria.

— É uma jogadora consumada — disse a condutora de Baccarat. — Levou a banca à glória o ano passado em Baden e foi tal a alegria que sentiu, que perdeu a razão. Desde que está aqui, anda em procura de um sistema para ganhar sempre e está tão entregue aos seus cálculos que nem o estrondo da artilharia a fará erguer a cabeça. É um Arquimedes de salas. Mas — prosseguiu a dama russa — ainda não lhe contei o motivo porque me acho aqui.

— Estou pronta a ouvi-la — disse Baccarat, que achava muito sinceras as palavras da sua interlocutora.

— Eu sou a filha do general D... que governa o Cáucaso — prosseguiu a dama russa — e casei há quinze anos com o coronel K... O coronel era um homem intratável, cioso da própria sombra, e tornou-se não um marido, mas um tirano. Não quis deixar-me em S. Petersburgo em casa da meu pai, levou-me para a Livónia onde tinha o comando de uma fortaleza, e reduziu-me à maior solidão e isolamento, colocando-me sob a vigilância de dois cossacos que lhe eram dedicados. Todavia, eu havia inspirado em S. Petersburgo um amor ardente, uma paixão verdadeira a um jovem oficial das guardas, chamado Stelvan. Este teve a imprudência de seguir-me e de entrar disfarçado em casa de meu marido, fazendo as vezes de criado. Por espaço de alguns meses, o nosso amor e a nossa ventura conservaram-se ocultos, e o ciúme do coronel K... não teve de que alimentar-se; uma tarde, porém, e enquanto o conde Stelvan, com a libré de lacão, estava aos meus pés, jurando-me o seu amor, a porta abriu-se bruscamente, e vimos aparecer o coronel...

Neste ponto da narração calou-se a dama russa e derramando copiosas lágrimas exclamou:

— Pobre Stelvan!

(Continua)

por Candelas Nunes

Estará certo, assim?

Há meses, fui multado por um guarda da P. S. P., por estacionar o carro em frente da Casa Inglesa.

No uso das minhas prerrogativas, contei por escrito à Direcção-Geral dos Transportes Terrestres (papel selado e tudo) a pouca vergonha que ali se passa. Disse, em suma, que, sim senhor, tinha estacionado — o que toda a gente faz, a qualquer hora e de qualquer forma. Disse que, nas barbas da polícia que se encontra permanentemente de vigilância à agência do Banco de Portugal (a meia dúzia de passos), sempre ali se estacionou como quis, quando quis, e pelo tempo que se quis. Disse que além do mais, os guardas da P. S. P., costumam aconselhar a que se chegue ali mais para a frente, não à porta do Banco, mas junto à Casa Inglesa — exactamente onde o meu carro foi autuado. Disse que isso induz as pessoas em erro, ao crer que não é proibida uma coisa que a polícia aconselha. Disse que, pior do que eu ter estacionado o meu carro sem prejuízo para ninguém, é formarem-se duas e três filas de carros, carinhãs e carrões ali estacionados como toda a gente vê diariamente (a polícia também, ao que suponho), especialmente depois das sete da tarde. Disse, portanto, nada mais nada menos do que tinha a dizer.

Recebi, passados tempos, nota de que a minha «reclamação» não havia sido atendida. Paguei, portanto, como me cumpria: 200\$000 que poderiam ter sido apenas 500\$00 se tivesse pago directamente à P. S. P. Não sei porquê, mas é mesmo assim.

Esperei este tempo todo a ver se, de facto, as coisas se haviam modificado, quer dizer, a minha multa não havia sido em vão, mas o início dum novo estado de coisas. Mas qual início, qual carapuca! Meses depois, tudo continua como sempre esteve, e a minha multa não foi mais que um episódio isolado na história daquela «proibição de estacionamento». E, entre parêntesis, antes que esqueça: eu até nem era recidente.

A modos que pergunto agora, aliás como já o havia feito neste mesmo local, antes do episódio que relato: aquilo é ou não é proibido? Diz-me a bolsa que sim, diz-me a experiência que não... E se for proibido, para quem é e quando é? Qual o critério de selecção das pessoas a multar, se o há, e a partir de que número de carros estacionados aquele estacionamento passa a ser permitido? Porque se um carro parado prejudica o trânsito, e por conseguinte aplica-se-lhe multa, vinte carros parados em três filas compactas, o que é que fazem!...

Não se julgue, aliás, que esta nota tenha a pretensão de pedir que me devolvam a importância da multa que paguei. Longe disso. Que desisto, em parte, de onde está. Simplesmente, e dado o pressuposto da igualdade de todos os cidadãos perante a lei, eu gostaria de saber se tal pressuposto é ou não válido também para Portimão. E, mais ainda, qual é afinal, no caso vertente, a lei que os ditos e estacionados guardas da P. S. P. usam para que se cumpra.

Caso não haja justificação para este meu pedido de esclarecimentos, pois bem, meto a viola no saco, regresso a penhas. Mas se, a favor, então, e por favor, tenho direito de os pedir e ninguém me levará a mal que os peça, pois não será assim!...

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.



Churchill voltou à Câmara dos Comuns no bronze eterno. A sua estátua, já inaugurada no Parlamento britânico, lembrará assim algumas das mais célebres sessões que ali se efectuaram este século.

BRISAS do GUADIANA

Alinda o problema da falta de instalações sanitárias na Avenida da República

No domingo de manhã (às 11,30), um estrangeiro que se encontrava nos Serviços de Fronteira (setor da Alfindega) de Vila Real de Santo António, pediu licença para ir ao quarto de banho. Talvez por impedimento das instalações daqueles serviços, um diligente empregado encaminhou-o para o vizinho Apeadeiro do Guadiana, onde o funcionário consultado para a cedência do quarto de banho informou que o mesmo se destinava apenas aos passageiros da C. P., e como o estrangeiro não estava nesse caso, não podia frequentar-lhe as instalações sanitárias do Apeadeiro.

Segundo alguém que assistiu à cena, o nosso visitante teria objectado que, assim, não voltava cá tão cedo. Como estes problemas afectam a evolução turística da vila e da região, talvez não fosse descabido que a Comissão Regional de Turismo procurasse saber por que motivo não tem sido autorizada, pela Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos do Algarve, a construção de sanitárias públicas, várias vezes pedida para a zona da Avenida da República, pela Câmara vila-realense.

NOVAS INSTALAÇÕES DA CASIGAS

Na Rua-Passeio Teófilo Braga, a mais céntrica de Vila Real de Santo António, abriram ao público, na terça-feira, as novas instalações da Casigás Utilidades Domésticas, Lda.

A abertura, que teve carácter particular, assistiram os sócios da firma, srs. Alfredo de Campos Fátca e António Monchique de Sousa e sr.ª D. Maria Adelaide de Campos Monchique de Sousa, bem como os srs. Miguel Gustavo Machado Vidal, inspector-delegado da Cida do Algarve e António Nascimento, assistente dos Serviços de Publicidade da Cida, e alguns amigos e colaboradores da Casigás. O sr. Alfredo de Campos Fátca agradeceu a presença dos convidados e referiu as motivações de ordem progressiva que haviam levado à abertura da nova casa, tendo-se os srs. Machado Vidal e António Nascimento congratulado com a iniciativa e posto em relevo o interesse de que se reveste a Casigás para um meio como Vila Real de Santo António.

As instalações, que se destinam à venda de gás, de diversa aparelhagem em que este é usado e de variada gama de artigos de utilidade doméstica, apresentam-se com decoração atractiva, em que sobressai um painel com as instalações da Cida na Moita. Nelas são também aproveitados os efeitos lumi-

nosos, valorizando-se assim, sobremaneira, a concorrida artéria em que a Casigás se situa.

PEQUENAS CAUSAS QUE PODEM PROVOCAR GRAVES EFEITOS

Um dos postes de iluminação da Avenida da República, em Vila Real de Santo António (frente a um café-restaurant muito frequentado), talvez por estar escangalhado o respectivo fecho, tem aberta a cavidade, ou porta, a poucos centímetros do solo, através da qual são feitas as reparações nos fios de ligação.

A abertura da «porta», possibilita que os fios sejam inadvertidamente tocados por qualquer criança que por ali passe, com as consequências que não se dizem mas se adivinham. Não haveria forma de resolver rápida e satisfatoriamente o problema?

MELHORIA NOS RECIPIENTES DE LIXO

Eis uma notícia que nos alegra divulgar: foram pintados e, em alguns casos, reparados, os recipientes para lixo, que se encontram em diversas paredes de prédios de Vila Real de Santo António, principalmente nos de utilidade pública.

Os recipientes apresentam-se agora nas cores vermelho-amarelo (antes eram só vermelhos) e constituem aliciente convite para o asseio, dirigido especialmente àquelas pessoas que, na sua falta, talvez lançassem na via pública as cascas de fruta, pedaços de papel e outros detritos que, quando espalhados pelo chão, oferecem desagradável ideia de falta de civismo.

CALCETAMENTOS QUE URGE SE EFECTUEM

Concluídas, ao que vemos, as obras do exterior da nova dependência bancária sita na esquina da Avenida da República, que também o é da Rua-Passeio Teófilo Braga, em Vila Real de Santo António, bom seria que se acelerasse o arranjo e calcetamento dos troços abrangidos por tais obras. Isto porque, como se sabe, aquela esquina é uma das mais concorridas da vila e, aparte outras opiniões porventura menos favoráveis, não deixa de provocar impressão desagradável a quem, nacional ou estrangeiro, lá passa muitas vezes, o verificar que a calçada continua à espera de pavimentação conveniente. — S. P.

Sem Dizer AVONDE

Na Estação da C. P. do Barreiro: um caso que me dizem ser de todos os dias. Uma senhora (espanhola) dirige-se à porta do bar da estação pedindo um copo de água. Para tomar uma aspirina. O bar estava já encerrado e entre portas o empregado é directo: «Está fechado». Eu não hesitei, olhei-o de frente e disse-lhe: «Então você não é capaz de dar um copo de água a esta senhora?» Ele ainda lá disse que, mas sempre foi buscar o copo de água.

Quer dizer que os que se servem dos combolos da C. P. no Barreiro terão que voltar ao Terreiro do Paço para beber água. Prossiga-se esse tipo de promoção turística que até poderá ter por slogan aquele dito: «Esta água não beberá»...

C. A.

CARTAS à Redacção

Os problemas do Bairro do Matadouro em Vila Real de Santo António

Vila Real de Santo António, 19 de Abril de 1971

Sr. director

Venho felicitar-lo pela crónica das «Brisas do Guadiana» do jornal de 10 do corrente, em que focava o mau estado das ruas do Bairro do Matadouro nos dias de chuva. Entretanto, acho que o aludido bairro merecia uma crónica mais desenvolvida, focando o seu desenvolvimento crescente, pois conta hoje com cerca de duas centenas de casas espalhadas por duas dezenas de ruas, todas com os pavimentos de terra ou areia.

A povoação de Santa Rita, com cerca de 3 dezenas de casas, viu, há poucos anos, asfaltadas todas as suas quatro ruas; Vila Nova de Caela tem diversas ruas asfaltadas, embora algumas não tenham nem um só prédio construído e também foram asfaltadas algumas estradas cujo movimento é reduzido.

E de louvar a Câmara Municipal deste concelho por todas estas obras, mas não se pode deixar de estranhar o esquecimento em que tem ficado o Bairro do Matadouro, cujas ruas têm muito maior movimento de pessoas e veículos do que as das localidades atrás indicadas.

Se no tempo das chuvas a população é prejudicada pelas poças e pela lama, no tempo quente não o é menos pela poeira que levantam os veículos e o vento.

Além do arranjo dos pavimentos das ruas, é urgente a construção naquele bairro, que está a dois passos desta vila, de uma rede de saneamento, pois para as suas ruas com ocupação contínua de prédios, não é solução válida a construção de uma fossa para cada prédio, como vem acontecendo nos prédios de construção recente, pois que nos mais antigos a maioria não possui fossas.

Por tudo isto, a higiene local é muito precária.

Agradeço a V. a publicação desta carta e entretanto subscrevo-me atenciosamente,

António Augusto da Silva

N. da R. — Pelo desconhecimento que o sr. António Augusto da Silva manifesta sobre o assunto, informamo-lo de que os problemas do Bairro do Matadouro têm sido várias vezes abordados neste jornal, e em algumas com mais profundidade do que o foram na crónica publicada em 10 de Abril.

Homenagem ao deputado dr. Jorge Correia

Efectua-se no próximo dia 22 um jantar de homenagem ao dr. Jorge Augusto Correia, deputado pelo Círculo de Faro, presidente da A. N. P. deste distrito e que durante 12 anos esteve à frente do Município tavricense. O jantar decorre no Hotel Eva, em Faro, onde podem ser feitas as inscrições.

Vende-se

Propriedade no sítio da Cruz de Pedra. Informa na Praça Infante D. Henrique, 2, em Lagos.

Vitor de Veiros

A propósito da criação do Grupo de Amigos de Paderne

Recordando anos vividos, vêm-nos à mente os primeiros passos de vida e, consequentemente, o torrão natal. Foi aí que sonhámos, numa idealização própria da juventude, ávida de vida e de felicidade, que criámos os alicerces representativos da vida adulta, que, entre utopias e realidades, tomámos os primeiros conhecimentos da existência terrena; que numa miscelânea de amizades e num mar de limitações intrínsecas à condição de jovens, o nosso corpo e espírito se desenvolveram em caminhada atrozmente rápida, até atingir a maturidade.

Assim, o torrão natal jamais poderá sair da nossa mente e ele é, nos momentos de reflexão e de êxtase, o ponto de convergência de qualquer coisa que signifique distância, ausência ou saudade. Ao falar da terra distante, sentimos no íntimo, uma saudade impossível de apagar e a retina relembra o cenário onde o olhar se estende e se consome. E como, à noite, a solidão em Paderne se consome num Padernense amputado, sem «bengala» onde se agarrar, para esse Padernense, menos favorecido pela sorte e por todos os outros nativos, o Grupo de Amigos de Paderne será um elo de união, de comunicação, e de progresso, entre os habitantes dessa terra, orgulhosa do seu passado histórico.

Só muito recentemente soube da iniciativa da criação do Grupo, mas há já algum tempo que conhecia gente em Paderne, com talento e potencialidades capazes de tal feito. Para esses homens, que não se esqueceram da sua terra natal e trabalham gratuitamente, cheios de boa vontade, para bem servir, entregando-se a uma tarefa própria da sua estirpe; para esses homens que trazem no bolso esbocadas obras de interesse (algumas já do domínio público) e planeadas, mercê da sua alma forte e do seu amor a Paderne, fica aqui, expresso publicamente, todo o meu apoio e desejo de feliz caminhada nas suas intenções, que serão certamente as de realização de empreendimentos locais, que se reflectirão numa melhoria das condições de vida, e numa maior projecção do seu nome.

Bem hajam, portanto. E aguardemos que o tempo responda pelas suas iniciativas.

António Ramos Cavaco

NOVA DESCOBERTA DE UM INVENTOR ALGARVIO

NOSSO comprovinciano sr. José Luís Gonçalves, de quem não há muito noticiámos o curioso invento de tejadilhos transparentes para automóveis, dá-nos agora conhecimento de uma sua nova invenção, também útil e de grande interesse: a de um modelo especial de ventoinha eléctrica para escritórios.

Consiste a sua novidade e utilidade nas pás, que têm dois movimentos diferentes e simultâneos, o movimento circular e o rotante, o que permite maior campo de ac-

ção, agitando o ar em sentidos diversos no interior dos compartimentos. Muito original e não menos curiosa, destina-se a grandes salas, escritórios, etc. Dispõe de um perne de suporte das pás, com ponta fixa à peça de movimento principal, porém com pequena folga para que o perne possa rodar, dando lugar a que as pequenas rodas actuem um pouco mais acima da ponta do perne, assente num aro metálico que faz de trilha, e assim quando se dá o movimento circular, as pequenas rodas dão, ao mesmo tempo, movimento diferente às pás, ou seja o rotante. De fácil fabricação, a ideia pode materializar-se de modo imediato e vir a ser preferida de compradores.

O aparelho debita uma ventilação correspondente a duas ou três ventoinhas a trabalhar, distribuindo o ar de modo completo e em várias direcções e beneficiando maior número de pessoas que se encontram nos compartimentos, embora em vários sectores.

Pode estar assente sobre o tampo de uma secretária, mas, em movimento, a ventilação verifica-se para cima, para baixo, para a frente, para trás e para os lados, sempre em muitas direcções e ao mesmo tempo.

Dado o carácter da descoberta, desejamos êxito ao seu autor, com quem os eventuais interessados podem contactar na Rua Elias Garcia, 10 — letra D, na Venda Nova (Amadora), onde reside.

MÁQUINAS PINHEIRO
A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA
Sede — TROFA
Filiais
Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

Trabalhos arqueológicos nas ruínas de Milreu

ENCONTRA-SE fazendo estudos e pesquisas nas ruínas romanas do Milreu (Estoi) o arqueólogo alemão dr. Theodor Hanschild, membro do Instituto Arqueológico Alemão em Madrid.

Os trabalhos decorrem especialmente na área do tempulum, e no chamado balneário público.

Aquele arqueólogo tem dedicado parte dos seus estudos e pesquisas ao importante conjunto da presença romana no sul de Portugal.

Mais um Grande Prémio

420 Contos — 2.º Prémio

22151

foi vendido a semana finda aos balcões da

CASA DA SORTE

A maior organização do mundo em Lotarias e Totobola

SERVICO DE SOCORROS PERMANENTE
202
VILA REAL DE SANTO ANTONIO